

Suplemento Cultural

N.º 13

revista paulista de medicina

Antonio Carlos Pacheco e Silva

Dr. Duílio Crispim Farina

Ao saudar mestre Antonio Carlos Pacheco e Silva, em escorço não basto, mas pleno de reverência e muito exaltar, antes de mais nada é mister enaltecer que todo o carrossel, o evol- ver de Piratininga nele perpassam. Os primeiros dias vicentinos, o povoamen- to, os engenhos de açúcar, a luta con- tra o corsário, a préia, as entradas, o café, aqueles e estoutros feitos em con- tinuismos de uma Reconquista levada aos trópicos, em porfias não menos cruentas e de não menor significado.

A correria nos sertões em demanda das minas recém-descobertas em Tripuí, os ímpetos bandeirantes em marcha ba- tida para as regiões auríferas dos anti- gos Cataguazes, as mil andanças pela Estrada do Rio das Velhas e os Cam- pos Gerais do Paraná, inclusive nos "Currais da Bahia", nome pitoresco do vale do São Francisco.

Emergiam para a Crônica potenta- dos sertanistas, testas de monções, se- nhores de pedágios de rios até então não vadeados e donos do poder na superintendência e guarda-moria das novas minas. Surge o paulista a somar "as impulsões da gravidade castelha- na", "o sainete brasílico", o sal da ter- ra, do ameríndio, e a fé e o engenho da gente portucalense que faziam o rei de Cochim bradar a Duarte Pacheco, ancestral de nosso mestre, "non há cou- sa que os portugueses não fação, se quizerem. E o quizeram, e ainda mais o fizeram. Surgiu esta terra brasílica e os seus anseios libertários. Trans- plantou-se em definitivo o "pola ley et pola grey", gênese do Non Ducor duco", timbre e brio da gente paulista.

A civilização de Piratininga entre is- to e mais aquilo, renuncia e desassom- bro, destemor e dignidade, incorporou em seu patrimônio cívico O Cântico da Liberdade e da Democracia, Can- cioneiro de um Povo e de uma Raça, a registrar centenas de estrofes no per- passar dos tempos: o ideal antiescrava- gista, a pregação e a consolidação re- publicanas, a palavra nova sanitária de Osvaldo Cruz, a Campanha Naciona-

lista de Olavo Brás Martins dos Gui- marães Bilac, e as jornadas de Rui, "o sacrosanto velho, civilista imortal de nossa fé".

1920, 1922, 1924 e 1932 eclodem com "os sonhos dos estudantes de São Paulo vulcânico que casa Heidelberg com a Andaluzia", na doce evocação de Castro Alves.

Num cadinho imergiam Badaró e Frank, envolto nas névoas de sua incógnita e de sua dialética, a eloqüên- cia de Ibraim Nobre, os clangores de Martins Fontes e Guilherme de Almei- da, as ressonâncias do MMDC, as ba- ladas de Batista Cepelos e Paulo Bom- fim; e a tudo isso o eclodir da epopéia de Piratininga pela constitucionalização do Brasil, a envolver no seu turbilhão da noite para o dia todo o território paulista, num momento de sonho e ideal sem lindes.

Escrevia-se "o poema de nosso orgu- lho que vai de nove de julho a vinte e oito de setembro", tecia-se uma ban-

deira, "bandeira que é nosso espelho, bandeira que é a nossa pista, que traz no topo vermelho, o coração do paulista". Na Sala da Capela, nas medita- ções sobre os desenganos políticos, mes- tro Pacheco foi sempre um paulista, pois

Ser paulista, é ser grande no passado!
E ainda maior nas glórias do presente!
É ser a imagem do Brasil sonhado,
E ao mesmo tempo do Brasil nascente!
Ser paulista é morrer sacrificado
Por nossa terra e por nossa gente!

A expressar uma grei, uma gesta, um propósito, um labor, uma porfia e um designio, Antonio Carlos Pacheco e Silva ascendeu aos degraus todos do saber, ciência, medicina e cultura, em pról da coletividade e de seus chãos sagrados, como poucos jamais o ha- viam realizado.

Émulo de Juliano Moreira e de Fran- co da Rocha, em nosso meio, de Miguel Bombarda, Julio de Matos e Julio Dan- tas em terras de Portugal. Figura de idêntico porte e jaez de Egas Moniz, Gregório Maranon, Cerletti e Charles Richet. Consolidador do frenocômio do Juquerí e da Psiquiatria Paulista. Professor emérito da Casa de Arnaldo, nossa eterna Faculdade de Medicina, escola-monumento na colina do Araçá. Constituinte de 1934 e 1935, humanis- ta, acadêmico, escritor, cultor do ver- náculo, sempre haurido em límpidas fontes dos mestres clássicos.

Fulcro, fanal contra as ideologias alienígenas, estranhas e estemporâneas à nossa indole e à nossa formação. Membro de uma plêiade, verdadeira resistência democrática à noite negra de uma ditadura que um dia desceu sobre nosso país. Primeira voz a cla- mar na Assembléia Nacional pelo Di- reito de todos à Saúde, em proselitís- mo tenaz e enfático.

Embaixador permanente da Ciência e da cultura na Velha Europa, Paris, Lisboa, Itália, Alemanha, em continen- tes vários e países quase todos, em representações de eleição, em provei-



tos de uma erudição polimorfa e polifacetada, em Encontros e Congressos de Medicina e das Letras.

O lar familiar, as tradições dos seus, a roda dos afins, a cultura gauleza, o pulsar nativista, sua alma generosa e altaneira, despreendida e exuberante de civismo fizeram-no desde a mocidade um verdadeiro democrata, feição inconfundível de sua personalidade.

E se tudo isso não bastasse vai glorificar-se de forma perene como soldado da jornada-maior do País dos Paulistas.

Fundador da Sociedade Secreta MMDC, membro do Estado Maior do MMDC, sigla evocadora de Martins, Miragaia, Drausio e Camargo, martírio e glória da tricheira que não se rendeu...

E é quando mais se engrandece: une, congrega, estimula, entusiasma, organiza, em jornadas ininterruptas, e vigílias interminas em todo decorrer da contenda e depois vai integrar, culto perene a uma saga e a uma legião, a Comissão Central da Fundação do Monumento e Mausoléu ao Soldado Constitucionalista, de 1932.

Em síntese emocional, ao reverenciar em preito de justiça a augusta figura do douto mestre emérito Antonio Carlos Pacheco e Silva, ao enaltecer vida meritória, digna de ser vivida, sempre em cultos ao Bem, ao Belo, ao Justo e ao Verdadeiro, temos de ressaltar que, homem de pról e de sabença, incorporou-se para sempre à História de Piratininga, sempre predestinado a voos condoreiros, em escalares ascen-

descentes, módulo de eleição que mais alto expressa sua geração, seu tempo e seus dias. Varão de Plutarco engastou-se na Crônica-maior de nossa gleba santificada pelas vidas, doações e testemunhos, símiles a desta invulgar personalidade de S. Paulo do Campo de Piratininga.

A ele o nosso respeito e gratidão. A veneração e o orgulho de São Paulo ao seu filho maior Antonio Carlos Pacheco e Silva.

Saudação ao professor emérito da Casa de Arnaldo, mestre Pacheco e Silva, quando das solenidades iniciais do Cinquentenário do Movimento Constitucionalista de 1932, no Clube Piratininga, na preleção do mestre, "A mobilização da Retagurada em 1932".

Prof. Almeida Júnior

Prof. João Batista de Oliveira Costa Jr.

Sinto-me, ainda, realmente emocionado apesar da distância do tempo que nos separa do dia do desaparecimento do ilustre professor emérito Antonio Ferreira de Almeida Júnior. Lembrome, muito bem, da tristeza que a todos envolveu aquela morte porque Almeida Júnior fôra, na verdade, um dos expoentes do ensino oficial em nosso país. Educador, por excelência, sua vida resumiu-se em doutrinar, preparando a mocidade de sua terra para os grandes cometimentos na integração de uma pátria, onde imperasse a cultura, a disciplina e a justiça.

Não será possível, pois, no tempo limitado desta oração, traduzir a riqueza dos valores que ornamentavam essa figura de escol, que tão alto colocara os legítimos interesses da sociedade com o seu exemplo e edificante capacidade de trabalho.

Disse ele ao assumir a Diretoria do Ensino paulista em 26 de setembro de 1935: "Alistado exatamente há 25 anos nas fileiras do magistério público, e tendo então combatido sem desfalecimento pela educação popular, desde o grau elementar até a Universidade, se nunca pedi postos, também nunca os recusei".

Essa é a estampa moral de um dos mais ilustres filhos da terra paulista.

Nasceu Almeida Júnior em Joanópolis, conhecida na época como S. João do Curalinho, no Estado de S. Paulo, aos 8 de junho de 1892, isto é, se vivo estivesse teria completado, neste mês, 90 anos de idade. Filho legítimo do 1.º matrimônio de Antonio Ferreira de Almeida e de Otília Caparica Ferreira de Almeida, demonstrou, desde o alvorecer da vida, sua grande inteligência, superando com extrema facilidade, todos os obstáculos escolares. Começou o curso primário em sua cidade natal,

vindo a concluí-lo, em 1905, nesta capital, no antigo 2.º Grupo Escolar do Brás. Após um curso preparatório noturno, prestou exame de suficiência, em 1906, na antiga Escola Normal Secundária Caetano de Campos, da Praça da República, onde, em 1909, obteve o diploma de normalista. Iniciou o magistério como professor primário, em 1910, na escola isolada da Ponta da Praia, na vizinha cidade de Santos. Um mês depois foi nomeado para a Escola Modelo Isolada, anexa àquela Escola Normal, e em julho foi designado para reger a 1.ª série do Curso Complementar à essa mesma escola.

Foi professor de francês e pedagogia na Escola Normal Primária de Pirassununga. Regeu depois a Escola Noturna para meninos operários, instalada no então Instituto Disciplinar desta Capital.

Interessando-se sempre pelo ensino primário, afirmou ao receber o Prêmio de Educação "Visconde de Porto Seguro", em 16-12-1957: "muito pesou no inconsciente coletivo da ilustre entidade educacional, para converter-me em alvo da sua distinção, a minha persistência em permanecer, durante cerca de 50 anos seguidos, ativamente preocupado com os problemas do ensino brasileiro e, sobretudo, com a educação primária de nosso povo", a qual dava ele prioridade absoluta, a ponto de declarar "falará um dia, daqui a 10, a 20, a 30 anos; quando nós, os que tivermos o privilégio de poder cultivar um pouco mais o nosso espírito, dermos a seus filhos aquilo que a Constituição Nacional promete, e a que tem direito líquido e certo toda a criança brasileira: uma escola primária completa". Por isso o Padre José Vasconcelos, seu companheiro do Conselho Federal de Educação, escreveu-lhe,

quando o ilustre mestre deixava aquele Conselho: "Agradeço a Deus por ter posto no meu caminho um dos homens mais altos e mais íntegros do Brasil de hoje, homem cuja lembrança será para mim exemplo e estímulo — sobretudo porque este homem foi sempre e simplesmente educador".

Tendo completado, em 1916, os exames do curso secundário, no Ginásio do Estado, hoje Escola Estadual de 2.º Grau de S. Paulo, e sido aprovado nos exames vestibulares, matriculou-se na Faculdade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo, onde se diplomou em 1921, obtendo o título de doutor em medicina, aprovado com grande distinção após defesa da tese "O Saneamento pela Educação".

Nesse mesmo ano, como bolsista da Fundação Rockefeller, tornou-se assistente extra numérico do Instituto de Higiene, mais tarde transformado em Faculdade de Saúde Pública da Universidade de S. Paulo.

Começou, em fins de 1920, a reger a cadeira de Biologia e Higiene da Escola Normal do Brás, atual Instituto de Educação Padre Anchieta. Foi, nessa ocasião, que conheceu sua aluna Maria Evangelina de Almeida Cardoso, filha de Francisco de Almeida Cardoso e de Rita Evangelina de Almeida Cardoso, com quem se casou no dia 24-2-1922. Desse consórcio nasceu seu único filho Dr. Roberto Luís Ferreira de Almeida, também já falecido, e que foi ilustre Promotor Público neste Estado.

Foi um dos fundadores do Liceu Nacional Rio Branco, hoje Colégio Rio Branco, tendo lecionado Física, Química e História Natural, e exercido as funções de Diretor de 1928 a 1933.

Aprovado, em 1928, no concurso para docência livre de Medicina Pública,

depois chamada de Medicina Legal na Faculdade de Direito de S. Paulo, defendeu a tese "O exame médico pré-nupcial". E como livre docente substituiu, durante muito tempo, o Professor Alcântara Machado, que se afastava freqüentemente da Cadeira por compromissos políticos.

Em 1933, transferiram-no da Escola Normal do Brás para o Curso de Aperfeiçoamento do Instituto Caetano de Campos; chefiou o Serviço de Saúde Escolar do Estado; e participou da elaboração do Código de Educação, promovida pelo Professor Fernando de Azevedo.

Nesse mesmo ano, teve seu nome aceito, pelo Conselho Nacional de Educação, para o cargo de professor de Medicina Legal da Escola Paulista de Medicina.

Integrou, em 1934, a Comissão que organizou o plano da Universidade de S. Paulo, e fundada esta, tomou parte na elaboração dos estatutos, sendo nomeado membro do 1.º Conselho Universitário.

Integrou também, de 1934 a 1941, a Congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP.

Foi nomeado, ainda em 1934, Diretor Geral do Ensino do Estado de S. Paulo, cargo que exerceu até 1938, tendo oportunidade de projetar e executar um amplo programa de construções escolares.

Um fato singelo mostrava o seu espírito de justiça: um professor, após muitos meses de andanças pela Secretaria de Educação, sem nada conseguir a respeito de uma pretensão justa, procurou o Prof. Almeida Júnior, sendo ouvido com a máxima atenção e ao qual afirmou desconhecer o assunto, asseverando, porém, que o seu caso seria resolvido, mesmo antes do que esperava. Era uma 2.ª feira e na 4.ª feira seguinte, a imprensa publicava a remoção do professor para o cargo pretendido.

Em 1939, Almeida Júnior foi nomeado membro do Conselho Médico Legal do Estado.

Prestou, em 1941, concurso para a Cátedra de Medicina Legal da Faculdade de Direito da USP, classificando-se em primeiro lugar, tendo defendido a tese "Provas Genéticas da Filiação".

Como professor cultuava a arte de dizer. Primoroso didata transformava os temas mais áridos numa exposição agradável e fluente, prendendo a atenção dos ouvintes de modo simples e elegante sem o rebuscado que se complica e torna enfadonho. As suas aulas continham o essencial, mostravam erudição e se ajustavam sempre ao tempo previsto. Era um encantamento ouvi-lo, ressaltando ainda que aproveitava todas as oportunidades para destacar o aspecto ético, procurando instruir a juventude, preparando-a para a sociedade e maior grandeza da pátria.

Apesar de disciplinador e perfeito no cumprimento do dever, fiscalizando

com rigor as provas escolares e impedindo por todos os meios a "cola", que ele chamava de "estelionato escolar", era admirado e estimado pelos alunos que o chamavam carinhosamente de "Almeidinha".

Quando, em 1954, um reitor da Universidade Federal pretendia acabar com a cola, suprimindo a prova escrita, disse categoricamente: "eu, por mim, não assinarei essa rendição incondicional perante a fraude".

A sua conferência sobre a "Patologia da Vida Acadêmica" é um repertório de ética, e uma coletânea de conselhos admiráveis que nunca devem ser esquecidos, comunicando sempre um otimismo a respeito das possibilidades dos moços. Bastante lembrada a seguinte frase do festejado mestre: "O que nos infelicitiza e amargura não é tanto a inflação ou a penúria de gêneros alimentícios, como é a pobreza do país em homens honrados, dispostos a enfrentar com seriedade os nossos problemas econômicos e sociais, e a cumprir rigorosamente, onde quer que trabalhem, a tarefa que lhe seja distribuída".

Destaco, portanto, em Almeida Júnior: o educador, o escritor e o cidadão. Compreendia a educação no seu duplo aspecto; o centrífugo, que produz o amadurecimento biopsicológico, e o centrípeto, que procura o ideal, a perfeição e a justiça.

Foi bom, discreto, íntegro e trabalhador, porém, não raras vezes manifestava-se com fina ironia, não insolente ou agressiva mas de advertência.

Afirmava que "cada um deve fazer como se a perfeição definitiva só estivesse à espera de seu esforço individual".

Foi membro do Conselho Penitenciário do Estado de 1944 a 1969. Secretário da Educação e Saúde em 1945, cargo que exerceu até fevereiro de 1946. Membro e Relator Geral da Comissão que elaborou o 1.º anteprojeto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Integrou o Conselho Nacional de Educação de 1944 a 1957, o Conselho Estadual do Ensino Superior em 1955, o Conselho Regional de Medicina em 1959 e o Conselho Federal de Educação de 1962 a 1967.

Aposentou-se, em 8-6-1962, na Cátedra de Medicina Legal da Faculdade de Direito da USP e da Escola Paulista de Medicina. Em julho do mesmo ano, foi-lhe conferido, pelo Governo de Estado de S. Paulo, o título de Servidor Emérito. Ainda em 1962, a Escola Paulista de Medicina outorgou-lhe o título de professor emérito; e igual título obteve da Faculdade do Largo de S. Francisco, em 1964.

Possuía mais os seguintes títulos: grande oficial da Ordem do Mérito Educativo; doutor honoris causa pela Universidade Mackenzie; sócio titular, benemérito e honorário da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de S. Paulo; sócio fundador da Sociedade

Paulista de História; sócio fundador da Sociedade Paulista de Medicina Social e do Trabalho; membro emérito da Academia de Medicina de S. Paulo; membro correspondente da Associação Médica Argentina — Seção de Medicina Legal e Toxicologia; sócio honorário da Academia Brasileira de Ciências Médicas Sociais; sócio honorário da Associação dos Administradores Escolares; e sócio fundador da Associação dos Cavaleiros de S. Paulo.

Recebeu o Prêmio Moinho Santista — Setor Ciência da Educação em 1970. Possuía, também, as medalhas Nina Rodrigues, Oscar Freire e várias placas de prata oferecidas por agremiações universitárias e turmas de ex-alunos.

Realizou viagens de estudos à Europa e aos Estados Unidos, bem como em missão cultural ao Chile. Participou também de vários congressos de Educação e de Medicina Legal.

Sua produção científica foi muito grande, não só no campo da Medicina Legal, senão, também, nas áreas de Medicina Social, Educação, Higiene, Anatomia, Fisiologia, Biologia e de Puericultura.

As "Lições de Medicina Legal", obra surgida em 1948, logrou logo grande difusão e na qual teve a honra de colaborar a partir da 6.ª edição e atualmente em 16.ª edição.

Como investigador incansável, demonstrou suas qualidades de cientista nas 3 teses já referidas, e nos trabalhos: "Paternidade (Estudo biopsicológico, social e jurídico)"; "O aborto e o infanticídio no C.P. de 1940"; "A Hereditariedade e o Crime"; "A Verificação da Periculosidade"; "A Delinquência Essencial", etc.

Assinalo ainda, fora do campo da Medicina Legal, a "Biologia Educacional" com mais de 20 edições; "Elementos de Anatomia e Fisiologia Humanas" com mais de 34 edições; "A Escola Pitoresca"; "Problemas de Ensino Superior"; "Sob as Arcadas"; "A Patologia da Vida Acadêmica" e muitos artigos e conferências.

Artista nato, Almeida Júnior cultuava a arte de dizer. As suas aulas eram a configuração harmônica dos elementos indispensáveis à composição artística: o objetivo e o ideal na coexistência equilibrada da manifestação do belo.

Disse por ocasião de sua morte: "Educador foi desde a alvorada de sua mocidade até o apagar-se da chama vital ao ser recebido pelo sagrado solo paulista".

E no coroamento do destino inexorável, saiu para a última morada, carregado pelos familiares e colegas, de um recinto de aula, no qual lhe deram por leito a mesma cátedra, onde também havia pontificado na exibição exuberante de suas imorredouras preleções, numa prova real da verdadeira identificação e de comovedora glória".

Discurso Solene na Evocação dos Mestres da Medicina Legal, no dia 17 de junho de 1982, no Auditório da APM.

Nina Rodrigues

Dr. Duilio Crispim Farina

As origens, influxos de sua ação eram inatos, quase atávicos. A quadra de meninice, manhãs não tão fagueiras, impregnou-se do triste viver do escravo no eito. Afligiam-no o ferrete do opróbrio, a iniquidade, a labuta crucial, o castigo imerecido, gênese d' "Os africanos no Brasil", saga de bantos, minas, e sudaneses, e doutros ensaios de alto labor, frutos de perquirições profundas e renovadas.

As vespas de atingir 44 anos, em Paris, interrompia-se curto período de existência, grande ciclo de operosidade que daria para prover vida aproveitada e finada em estrema velhice.

Nina, intentos de uma Vontade Superior, trazia consigo os determinismos irreversíveis, os designios dos fados: alicerçar em definitivo, e para sempre os fundamentos de uma douta e esclarecida escola de Medicina Legal e como decorrência a estruturação da Antropologia Criminal da Pátria estremeçada.

Raimundo Nina Rodrigues foi nado em Vargem Grande, Maranhão, em 1862, e em poucos decênios deixava o recender, o eco de suas passadas também na velha Europa. Falecia no "Nouvel Hotel" de Paris, em 17 de julho de 1906, a receber o dobre de finados, na voz de gente de pról e de sabença.

Cesar Lombroso sagrava-o como o "Apóstolo da Antropologia Criminal no Novo Mundo". Reverenciado por Gabriel Tarde e Ferri, entendido e aplaudido pelos mestres Vibert, Brouardel, Ritti e Lacasagne, em seu máximo fastígio. A estes dois últimos, chefes das escolas de Lyon e Paris, dedicou o seu volume "O Alienado no Direito Civil Brasileiro".

Estudou as diferenciações étnicas no Brasil, a natureza humana, condições de ordem interna e externa, variações da personalidade psíquica, a farmacologia experimental, base das regras da Criminologia Moderna, a despertar no antropologista brasileiro fontes de estudos, dos mais exuberantes e impiedosos crimes praticados pelo cafuzo, curiboca, jagunços, em escalões de mestiçagem e cruzamentos.

Semeou influências. Silvio Romero, José Veríssimo e Oliveira Viana meditam e aculturam seus postulados. Criou escola e discípulos, no milagre da multiplicação. Lins e Silva e Edgar Altino no Recife. Afrânio Peixoto, Diogenes Sampaio, Leonidio Ribeiro, Miguel Salles, Heitor Carrilho e Antenor Costa na Guanabara. João Fróes, Estácio de

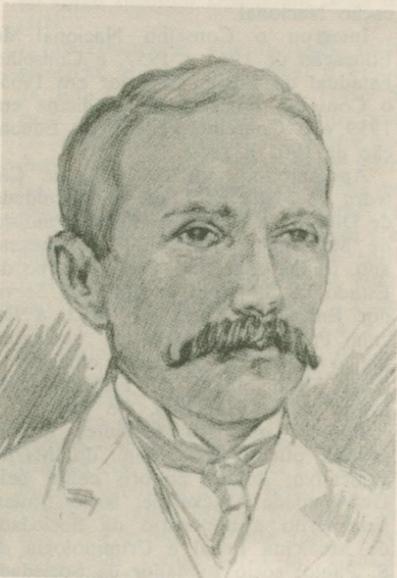
Lima, e Artur Ramos em Salvador. Oscar Freire traz a Piratininga a sua semente e atingem vértices incomensuráveis Flamínio, Arnaldo Amado, Hilário, Armando Rodrigues, Almeida Junior, Oliveira e Costa Jr., e Odon Ramos Maranhão.

Flamínio Fávero divide a Medicina Legal em três fases distintas. A primeira iniciada em 1814 por Gonçalves Gomide, a fase "estrangeira"; a segunda, a fase da nacionalização com Souza Lima a partir de 1877, e a terceira, a chamada "científica", iniciada por Nina em 1891, quando o mestre tinha menos de trinta anos...

Em breve rememoração, mas de muito exaltar e maior reverência, é mister enfatizar que foi lidador imbatível, a terçar armas, sem quartel contra a rotina no ensino, a abjurar as equações sem pertinência.

Ainda agora podemos, por oferta e nímia gentileza do professor Washington Barbosa de Oliveira, mestre da Neurologia na Bahia, compulsar cópia da "Memória Histórica", de 1895 apresentada à douta Congregação da Faculdade primaz, do Terreiro de Jesus. Saída dos escaninhos de velhas estantes por ela desfilam críticas avassaladoras contra o sistema de ensino então vigente, sem poupar, em análise minudente, verdadeiras diatribes, os predecessores, com incisivas catilinárias.

Afrânio rememorou ter sido obra de destruição, repelida pela unanimidade da Congregação. Newton Bethlem, de



forma judiciosa, aduziu: "mas sabia Nina que só se destrói aquilo que se substitui, de forma meritória". Passa a modificar o ensino de sua cátedra com a colaboração dos alunos. Integra-os, publica estudos burilados por suas próprias observações e com pesquisas que seu espírito científico levará a ápices dificilmente suplantáveis. Institui proposições jurídicas sobre temas médicos, noções experimentais e clínicas, de laboratório, e observação, que vão dar à Medicina Forense, integral prestígio.

Por iniciativa de diversos médicos, lembra Bethlem, foi publicado em 1899, um opúsculo intitulado "Liberdade Profissional em Medicina", reprodução de uma aula de sabedoria, abertura do curso da Bahia, onde eram fustigados com veemência os homens e conceitos que maculassem a honrabilidade da profissão médica. Na ocasião, certo magistrado, erradamente influenciado pela filosofia que presidia os primeiros atos da República, proclamara "Constitucional e Legal", a liberdade profissional, reconhecendo em um curandeiro e analfabeto o direito e a capacidade de exercer a Medicina. Nina Rodrigues nessa conferência (e é bom não esquecer o ambiente político da época), disseca a doutrina positivista no capítulo referente à separação da Igreja e do Estado, e, por analogia, a separação do Estado e da Ciência Médica Oficial, conceituando o verdadeiro sentido da palavra Liberdade. Define o papel da Medicina, como guardiã da vida humana, sua função de auxiliar de juiz, e crítica governadores e legisladores. Após a Crítica fez a Construção. Traçou então os rumos do Ensino e pede e suplica que os responsáveis pela Nação assimilem o que se entende por instituições liberais, a fim de evitar que sobre eles recaia "irreparável e fatal condenação".

Em escorço não basto, mas de muito respeito, acrescentaremos ainda as suas facetas de historiógrafo, com alguns exemplos apenas, mas suficientes para enaltecer méritos e erudição sem lindes.

"A Loucura Epidêmica em Canudos, Antonio Conselheiro e os Jagunços", belo estudo publicado na Revista Brasileira, Rio, 1897, assinala o drama épico do mestiço sertanejo. Ombreia-se com Euclides da Cunha ao interpretar os aspectos étnicos do problema, determinismos biológicos, fatalismos da raça.

"O Regicida Marcelino Bispo", quando do atentado a Prudente de Moraes e ao Marechal Bittencourt, demonstra sua iniciação e concordância com o pensar do doutor Emanuel Régis, chefe da cadeira de Moléstias Mentais da Faculdade de Paris, autor de positivo estudo, afirmação das conexões entre a Psiquiatria e a Antropologia Criminal. Nele perpassam, com seus biotipos físicos e morais, mazelas e degenerescências, Pierre Mariotti, Jacques Clement, Revailac, Gutteau, Gérard, Cécile Renault, Karl Sand, assassino de Kotzbu

(ligado ao nosso Julio Frank, pela lenda e tradição), Carlota Corday, e tantos mais, réus de atentados, inscritos na Patologia e no Crime.

Ao enunciar outro título, vértice de sua participação, contribuição à história do homem negro, irmão de tantas lutas, é necessário exaltar que fez a apologia da Tróia Negra, Palmares, lastimando a insuficiência dos escritos a respeito desse capítulo de nossa crônica. Deixava marcas de historiador atilado e filósofo, pensador profundo,

senhor da evolução de nossos costumes e de nossas tradições.

Em bem verdade Raimundo Nina Rodrigues inscreveu em sua curta mas rutilante jornada um verbete de existência digna de ser vivida, inteiramente devotada à ciência e à nacionalidade. Que seja cultuado e exaltado pelas gerações que hão de vir! Raimundo Nina Rodrigues, estadeador da Medicina Legal e da Deontologia Médica nesta Terra Brasileira! Que vivam eternamente sua lembrança e obra invulgar!

Antonio Branco Lefèvre

Prof. João Carvalho Ribas

Faleceu no dia 20 de agosto de 1981, aos 65 anos de idade, o Pai de Neurologia Infantil em nosso meio — o Prof. Antônio F. B. Lefèvre. Desde estudante na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, ao impulso de uma vocação, voltou-se para a Clínica Neurológica e, uma vez formado, criou uma especialidade praticamente desconhecida entre nós, a Neurologia Infantil. Sempre à sombra fecunda da Clínica Neurológica da Faculdade de Medicina da U.S.P., sob a orientação dos Profs. Adherbal Tolosa e depois Horácio Martins Canelas, tornou-se campeão na assistência, ensino e pesquisa na área da sua especialidade. Implantou, no Hospital das Clínicas da nossa Faculdade, o ensino da atividade nervosa superior, do exame neurológico evolutivo, da disfunção cerebral mínima, da fisiopatologia da linguagem, da epilepsia infantil e de outros capítulos da Neuropediatria. Os trabalhos da sua autoria e dos seus colaboradores, lançados em revistas e reunidos em livros, alçaram imediata aceitação no Brasil e fora do Brasil. Com vocação de mestre-escola, iniciou tantos e tan-

tos na sua especialidade que se tornou possível a criação de uma Sociedade de ex-Residentes do Prof. Lefèvre, todos animados de eterno devotamento ao Mestre. Na convicção de que a clínica particular proporciona experiência valiosa para o ensino da prática médica, também desenvolveu concorrida clínica privada, sempre cercado de discípulos, com projeção internacional.

Muitos pacientes de consultório, com a devida permissão, eram apresentados nas aulas no Hospital das Clínicas. Com tantas aptidões e títulos aplaudidos em competente concurso em 1977, teve de tornar-se Professor Titular de Neurologia Infantil com a naturalidade e segurança de um rio que corre para o mar. Ainda mais, voltou-se, desde jovem, não só para os problemas sociais e políticos, mas também para o mundo da arte e da cultura. Pertenceu ao grupo da revista "Clima", ao lado de Paulo Emílio Salles Gomes, Antônio Candido, Ruy Afonso e outros, com encontros na Livraria Jaraguá de Alfredo Mesquita, em saudoso momento paulistano de esplendor intelectual, quan-

do ainda pontificavam Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e outros monstros sagrados vindos da Semana de Arte Moderna de 1922. Dessa juventude curtida em rodas tão elitistas, restaram-lhe duas grandes paixões: a música erudita e o cinema. Na maturidade acrescentou-se-lhe outro refúgio aprazível: viajar nas férias ao exterior, quando saboreava outras gentes e outras paisagens com a sutileza de um paladar competente no diagnóstico de vinhos preciosos. Encerrava marcado carisma, com a sua aparência vigorosa e imponente, o olhar alerta e penetrante, o gesto disciplinado e preciso, a atitude lúcida e diplomática, empenhada em controlar-se à custa da palavra racionalizada e mesmo silêncio e denunciando o íntimo através da mímica fisiológica eloquente e indomável... Nada o transtornava tanto como um equívoco na atitude assumida em dada situação. Com o seu falecimento, tão imprevisto em figura tão robusta e sólida, desmorona-se um médico, um líder e um humanista do melhor quilate, com lances inesquecíveis.

Prof. João Carvalho Ribas na Cátedra de Psiquiatria da Casa de Arnaldo

Prof. Carlos da Silva Lacaz

Prof. João Carvalho Ribas: Quando conquistastes, em 1957, a Livre-Docência de Clínica Psiquiátrica desta Faculdade, com uma tese das mais originais — "Cinema e Saúde Mental", o Prof. Flamínio Fávero, cuja voz infelizmente já não mais podemos ouvir nesta Casa, saudando-vos em nome de seus colegas, amigos e admiradores, iniciou sua formosa oração referindo que, naquele momento, após tão honrosa distinção, teríeis que ouvir um discurso. Era inevitável, era imperioso, era fatal que isso acontecesse.

Hoje, Professor João Carvalho Ribas, o ambiente é outro, mas também de significativa alegria para todos os que admiram vossa singular personalidade e eu aqui estou para uma nova oratória que nenhum mandado de segurança conseguirá vos amparar. A praxe e a tradição determinam que, ao longo de uma vitoriosa carreira profissional, quando o eminente colega atinge as culminâncias da cátedra, receba esta homenagem — tributo que V.Exa. deve pagar à festa de que se torna alvo neste instante.

Conheço, como poucos, toda a vossa fecunda e brilhante atividade. Em 1932 ingressastes nesta Faculdade, vindo de Santos, vossa terra natal. A grande e formosa cidade praiana deu-nos nomes ilustres e famosos, nas letras, na política, nas artes, na ciência e na poesia. Foi lá que se instalou, também, a Primeira Confraria de Misericórdia, "Casa de Deus para os homens, porta aberta ao mar", lapidar inscrição que Bras Cubas lhe após. E isto porque o mar foi sempre o aliado e a tumba dos navegadores. "Ó mar,

quanto do teu sal são lágrimas de Portugal”, mas também quanto caminho abriste às epopéias do heroísmo português.

Em Santos nasceu Martins Fontes, o mago da palavra, manejador magnético de rimas e ritmos, em cujo estro resplandeciam a violência cromática e o esplendor tropical das nossas tardes de verão, cujo amor pela terra natal ele mesmo falou em Paulistânia:

Vivi nestas praias...

Espero que um dia

Aqui me sepultem, me deixem ficar Exposto, desnudo, como eu bem queria,

Num seio de areia, defronte do mar.

Mais tarde, o ilustre colega que hoje homenageamos iria contribuir, de modo significativo, para fundar e organizar a Faculdade de Ciências Médicas de sua cidade natal, onde vivera a infância e a juventude, ao lado de seus pais, convivendo com o avô, Dr. Thomaz Carvalho, que, além de médico e cirurgião, era um devoto dos livros de La Rochefoucault, La Bruyère, Descartes e outros estudiosos da condição humana. Foi neste ambiente privilegiado, frequentando a casa de Valdomiro Silveira, o grande mestre do conto regionalista, que João Carvalho Ribas plasmou toda sua sensibilidade de homem voltado para as coisas do espírito, à sombra de uma biblioteca enciclopédica e magnífica.

VI Em São Paulo, conhece o meio artístico da época. Torna-se amigo de Mario de Andrade e de Flavio de Carvalho. Em 1957 publica “Música e Medicina”, obra laureada com o Prêmio Cultura Geral “José de Almeida Camargo”, da Associação Paulista de Medicina, 1949. Frequenta as rodas literárias. Aprecia a música e o cinema. Dispersa-se em leituras e debates múltiplos, indo da Psiquiatria à Metafísica, da Psicologia à Literatura de ficção, de Jaspers até Nietzsche, de Bleuler a Sartre ou Proust, de Balzac a Renan, de Goethe a Descartes, de Julio Dantas a Lombroso e Georges Duhamel, de Paul Moreau ao grande Jean Martin Charcot. Um de vossos trabalhos mais apreciados — “As Fronteiras da Demonologia e da Psiquiatria”, mostra a vossa dimensão humanística na prática psiquiátrica.

Na Faculdade de Medicina, ainda na Santa Casa de Misericórdia, aprende os fundamentos da Clínica com este fabuloso Luiz Décourt, frequentando também o Serviço de Neurologia do saudoso Prof. Aderbal Tolisa. Mas a Psiquiatria lhe seria logo revelada pelo seu mestre Antonio Carlos Pacheco e Silva. Como numa conversão religiosa, descobre seu destino. Torna-se assistente deste eminente professor cujo concurso para a 24.ª Cadeira de Clínica Psiquiátrica, um dos mais brilhantes desta Casa, teve a honra e o privilégio de assistir, em 1936. A este ho-

mem notável, discípulo, no Rio de Janeiro, de Henrique Roxo e Antonio Austregésilo, muito deve a Psiquiatria brasileira. Na velha Salpêtrière, atraído pela tradição e renome dos grandes vultos que nela pontificavam, foi discípulo de Pierre Marie e, na Pitié, assistiu às consultas de Babinski que continuava com o fulgor de seu talento a atrair alunos do mundo inteiro. Na Suíça, trabalhou com Bleuler e Monakow; na Alemanha, com Kraepelin. Diretor do Hospício de Juqueri, a partir de 1925, com a aposentadoria de Francisco Franco da Rocha, criou o Serviço de Anatomia Patológica, contratando Constantino Trétiakoff, formando excelente núcleo de psiquiatras. Mais tarde era indicado para Diretor Geral da Assistência a Psicopatas do Estado de São Paulo. A este notável mestre deve a Faculdade de Medicina a fundação do atual Instituto de Psiquiatria. Com sólida cultura humanística, o Prof. Pacheco e Silva criou e desenvolveu vasta escola de médicos alienistas e o maior e merecido elogio



Prof. Carlos da Silva Lacaz

que lhe posso fazer neste instante, ao lado de seu discípulo João Carvalho Ribas, é o trecho da carta que, a 20 de fevereiro de 1923, o grande Franco da Rocha lhe dirigira, convidando-o para Diretor do Hospício de Juqueri: “Sacrifiquei toda a minha vida por esse Instituto; não podia, portanto, entregá-lo, ao sair, a um qualquer, só por amizade ou por outro motivo de somenos valia. Procurei um homem moço, mas sério, correcto, de moral irrepreensível e grande estudioso, cientista por temperamento e capaz de se sacrificar por amor da Ciência. É V. quem vai tomar aos ombros essa pesada tarefa, que a outros, menos conscientes, parecerá coisa simples e lucrativa. Aceite V. essa carga, em benefício do Estado, pelo qual nós devemos nos sacrificar”.

Não esqueçamos, neste instante, a figura de Fernando de Oliveira Bastos, professor desta Casa, amigo dileto do homenageado de hoje e que, adoentado,

não comparece a esta solenidade. Pela sua cultura, inteligência e erudição, muito contribuiu para manter as gloriosas tradições de nossa Escola.

Desejo ressaltar que toda esta fabulosa cultura assimilada por Carvalho Ribas só se tornou possível graças ao apoio recebido de sua esposa, a quem cabe também, nesta hora de ventura, parte desta significativa homenagem.

Senhoras e Senhores: Na época em que se diplomou, é Carvalho Ribas quem o diz, a Psiquiatria era o filho enfeitado da Medicina. A propósito, corria aquele comentário satírico e mordaz: “O clínico geral sabe tudo e não faz nada; o cirurgião não sabe nada e faz tudo; o psiquiatra não sabe nada e não faz nada”. Hoje, no contexto médico, a Psiquiatria é a especialidade vedete. Realmente, exames clínicos e paraclínicos, o eletroencefalograma, os testes psicológicos e outros devassaram e esmiuçaram a alma e a personalidade humana em camadas cada vez mais profundas e tenebrosas. Denunciaram a cumplicidade dos conflitos emocionais em todos os recantos do corpo, impondo a consciência psicossomática aos especialistas. Quando Carvalho Ribas se diplomava por esta Casa, em 1938, dele fui seu contemporâneo e amigo de todas as horas, a Psiquiatria já se apossara da malarioterapia de Wagner von Jauregg. Depois, descobriram-se a cardiocirurgia de Meduna, a insulino-terapia de Sakel, o eletrochoque de Cerletti e Bini, a psicocirurgia do famoso Egas Moniz, prêmio Nobel de Medicina, investigador de alto nível e que num país de poucos recursos realizou obra notável no campo da medicina, grande pensador, com invejável espírito de síntese.

As drogas psicotrópicas, mormente nas doses de impregnação, e a sonoterapia substituíram os processos psicocirúrgicos e os métodos de choque, ainda de sabor medieval. Multiplicaram-se os recursos da hipnose e da psicanálise. Esta, após penosos anos de ostracismo, exílio e maldição, integrou-se aos programas de ensino das Escolas Médicas. Expandiu-se a psicoterapia de grupo, inclusive nos moldes psicodramáticos, facilitando o ensino da técnica psicoterápica com a incursão do observador, o espelho de visão unilateral e outros recursos, possibilitando a psicoterapia em massa, com economia de tempo e dinheiro. Avultou-se a Psiquiatria Social e mais tarde, a Psiquiatria Forense, da qual fostes um dos pioneiros em nosso meio, denunciando a intervenção dos padrões culturais nos conflitos da personalidade, culminando com a socioterapia em suas diversas modalidades, a reabilitação, a terapêutica psiquiátrica à comunidade e a promoção da Saúde Mental. Os próprios fenômenos espíritos, atribuídos ao sobrenatural, revistos pela Parapsicologia, são hoje interpretados como de-

pendentes de forças naturais ainda pouco exploradas pelo cérebro humano. Enfim, o Psiquiatra, como espécie de SER PROVIDÊNCIA, está sendo convocado para intervir em todos os instantes da vida cotidiana, cogitando-se mesmo da seleção médico psicológica dos políticos. O mundo atual torna-se cada vez mais um mundo psiquiátrico.

A Psiquiatria suscita grande número de problemas filosóficos, cuja solução pode mudar os rumos da pesquisa ou do próprio ensino da nossa profissão. Que classe de saber é o saber médico e que classe de praxis é o exercício da Medicina? Não há dúvida que existe muita patologia que os médicos estão desconhecendo, por completo. Assim, há muita coisa que o patologista não consegue detectar em seu microscópio e o médico não pode curar com pilulas ou injeções. Os problemas desses milhares de pacientes constituem o que Lambo denominou “o outro lado da Medicina”. Numerosas são as vicissitudes da vida capazes de desencadear males físicos ou emocionais. Grassa livremente no mundo toda uma verdadeira epidemia de problemas do comportamento. Distribuem-se tranquilizantes e barbitúricos às toneladas. A Medicina moderna deu muita ênfase a soluções técnicas, descuidando do enorme valor do melhor relacionamento com o paciente. O alcoolismo constitui, como sabemos, um dano social e, no entanto, o consumo de bebidas alcoólicas por todo o mundo vem aumentando a taxas explosivas. Com todo o seu anonimato e sua desorganização social, a cidade em rápido crescimento é foco ideal para o alcoolismo destrutivo, rompendo os laços da família, semeando problemas para a geração seguinte, diminuindo a eficiência do trabalho e da capacidade de sustento próprio. Os alcoólatras acumulam em torno de sua dependência número cada vez maior de incapacitados que certamente irão reduzir suas expectativas de vida. Outra séria preocupação social refere-se ao consumo de drogas — “o paraíso dos tolos”, resultando em profundas alterações da personalidade. Recolhendo-se a um mundo irreal, os consumidores habituais de drogas confundem a realidade com a fantasia. Com relação ao fumo, conclui-se que o consumo de cigarros representa o que se pode chamar de problema de comportamento em relação à saúde, por escolha pessoal. Trata-se de um tipo de atitude que inclui numerosas formas normais de aumentar a fruição da vida ou de enfrentar os seus problemas. Os serviços convencionais de saúde não podem tratar adequadamente de todas essas questões. A humanidade enfrenta sérios riscos vinculados ao próprio processo de desenvolvimento tecnológico e das profundas transformações sociais que a acompanham. Assinala Bailey a existência de milhares de pessoas que recorreram a tratamento médico em decorrência de desvios de comportamen-

to (behaviorismo). Embora não revelem qualquer indício de distúrbio físico, ocorrem constantemente ao médico em busca de auxílio. São pacientes que vivem constantemente em meio a tensões ou pressões diversas: migrantes que se matam por um parco salário para o sustento de seus parentes; alcoólatras que bebem cada vez mais; fumantes inveterados e gente obesa que não pode deixar de comer demais. É lógico que não existe um “tratamento” ou “receita” que venha a ser um dia sistematicamente aplicado na prevenção desses eventos de tão alta previsibilidade. É que a medicina se acostumou muito a dar respostas técnicas para os seus dilemas, procrastinando a procura de respostas para as “doenças do comportamento”. A solução para problemas de natureza tão complexa não é fácil, mas sabemos muito bem, refere Bailey, que essa busca seria tão inútil como a pesquisa de uma pílula que nos habilitasse a falar esperanto ou a dançar o “Lago dos Cisnes”, de Tchaikovski. Felizmente já se registra algum progresso neste sentido, e os serviços de saúde promovem cursos de antropologia, sociologia e psicologia, nos quais os “cientistas do comportamento” participam, também, de pesquisas e treinamento em função da saúde. Chegou, pois, a hora de se dar mais vigor à educação do estudante de medicina neste campo do “behaviorismo”, ainda tão carente de recursos humanos. Nunca se deve esquecer que, nesta área, a família é parte integrante da equipe de saúde.

Prof. João Carvalho Ribas: herdeiro de uma das mais gloriosas tradições médicas do País, a que lhe vem de seu avô, o grande Thomaz Carvalho, V. Exa. teve a força e o privilégio de não desmerecê-la. Amparou-o na tarefa de manter-se na classe e altura de seu antepassado, o equilíbrio de predicados que definem de modo ímpar vossa personalidade de médico e de homem de bem. Inteligência vasta, criadora e clara. Caráter férreo e força de vontade inquebrantável. Capacidade de organizar, conduzir e mandar.

A um tempo professor, aprendeu com Pacheco e Silva a liturgia da profissão. Isto é, como olhar intencionalmente — o olhar para ver. Como usar cada sentido. Como usar a mão. Como tomar cada posição e realizar cada manobra, com precisão, o desígnio, a presteza, o intuito, a harmonia que fazem do exame de um verdadeiro clínico a obra prima de medida e cadência que não ficam nada a dever à virtuosidade e ao ritmo de um ato cirúrgico perfeito. Mas, com Carvalho Ribas, aprende-se também a ser homem de bem. Ele sentiu todas as agonias da carne e da alma. Todas as misérias do pobre corpo humano. Todas as suas dores, todas as suas desagregações, todas as suas mortes. Uma larga experiência humana nascida em mais de 40 anos de convivência com tudo o que o nosso semelhante pode dar.

Minhas Senhoras, Meus Senhores: hoje, tudo mudou no campo da medicina. No passado, ela era uma sombria meditação sobre a morte. A profunda revolução assistida pela nossa geração leva à certeza antonímica de que a nossa arte é agora uma vigorosa meditação sobre a vida. Assistimos à agonia da sífilis, da malária e da tuberculose, vivendo uma das fases mais belas da nossa tão amada profissão. Não desejo, nem é pertinente nesta cerimônia, que eu, como antigo Titular de Microbiologia desta Casa, venha vos traçar e aos que me ouvem, um itinerário histórico e crítico do pensamento psiquiátrico atual. V.Exa. é profundo conhecedor do tema, com uma dimensão humanística da prática médica, conhecendo, como poucos, toda a história da Psiquiatria. Fizestes belas conferências sobre Charcot e a Escola de Salpêtrière, ressaltando as contribuições de Kraepelin, de Felipe Pinel, de Kleist, de Adler, de Jung e de Stekel à vossa especialidade.

Falastes, no passado, sobre a figura de Franco da Rocha, o primeiro a socorrer-se, em nosso meio, da teoria psicanalítica para explicar aspectos da psiquiatria clínica, que não pudera esclarecer pelos ensinamentos clássicos. Por que haveria o ilustre professor de repudiar a doutrina do mestre vienense? Aliás, de posse da significação do inconsciente, a psicanálise não repeliu verdade alguma da psicologia clássica; tão só lhe ampliou o conceito e as generalizações. Como a anatomia se dilata e se pormenoriza na histologia, assim a psicologia se alarga e se particulariza ao alcançar os domínios do inconsciente. Parainfo em 1919, da 2.ª turma desta Escola, Franco da Rocha, em seu discurso aos doutorandos, expôs os fundamentos da teoria psicanalítica, com rara elegância. Em inúmeras considerações de caráter psicanalítico, alargou-se-lhe o espírito, isento sempre de preconceitos e de hipocrisias.

A Psiquiatria vive momentos de grande esplendor, penetrando cada vez mais no arcano insondável do organismo humano. De Pinel e Charcot, de Lombroso e de Spinoza a Freud, Jung e Jacques Lacan, tudo evoluiu. A Psiquiatria, que na Idade Média ficara perdida no meio das superstições, vem penetrando cada vez mais no universo da mente humana. Do passado, de Bicêtre à Salpêtrière, procura-se um modo realístico de encarar a Psiquiatria depois da longa noite de ignorância medieval. A Idade da Razão assinou, indiscutivelmente, um grande passo à frente. E hoje ela ressurgiu e, à medida que nasce o impulso da consciência e do envolvimento, torna-se cada vez mais evidente não apenas que a Psiquiatria atingiu a maioridade, mas também que a nossa civilização talvez tenha entrado na própria idade da Psiquiatria.

A Psiquiatria vem sendo contestada pela antipsiquiatria. A insanidade mental, inclusive no âmbito do sexo, não

passaria de um mito. A loucura seria imposta a certos indivíduos estigmatizados por uma conspiração da família e da sociedade, tendo como verdugo o psiquiatra. No passado, por problemas homossexuais, na Inglaterra do século XIX, Oscar Wilde foi condenado como um criminoso, no cárcere de Reading, porque havia praticado "o amor que não ousa dizer o seu nome". Exame os mais variados, internações e tratamentos psiquiátricos transtornariam cada vez mais os condenados à loucura. V.Exa. conhece o audacioso livro do médico Maurice Heine, denunciando o que se passou com o célebre Marquês de Sade, mantido em 18 prisões durante um quarto de século. Internado no hospício de Bicêtre e, em seguida, no hospício de Charenton, onde veio a falecer depois de 11 anos e 8 meses de internação, aos 74 anos, contribuiu para a vossa especialidade com uma obra escrita das mais significativas, produzida na solidão do cárcere e, através da qual, contempla-se a "satanização do mundo". Com suas experiências e fantasias, pela primeira vez ele realizou a descrição objetiva e sistematizada dos desvios eróticos, mormente de volúpia à custa do sofrimento imposto ao parceiro, o sadismo, na designação proposta por Krafft-Ebing, em homenagem ao divino Marquês. Face, também, ao livro de Pierre Klossowski — "Sade, meu vizinho", não há

dúvida alguma que seu trabalho nos ajudou a melhor compreender o homem. O que é preciso, como referiu V.Exa., é que, apesar dos devaneios e críticas da antipsiquiatria, às vezes promovida em sentido demagógico e anárquico, os psiquiatras, uma vez agora desafiados, procedam a revisões rigorosas de seus critérios, procurando atender aos transtornados da mente.

Prof. João Carvalhal Ribas: estou por terminar e desejo agora ressaltar o lado humano da grande personalidade do mestre e amigo que a Faculdade de Medicina recebe neste instante, por entre as hosanas e as alegrias desta bela festividade — hino votivo ao espírito e à inteligência. Só os atos partidos do coração são humanos, porque só eles é que nos consolam. "Dia virá em que a própria inteligência será considerada como função de um centro, que os anatomistas futuros descobrirão; mas os sentimentos, não. Neles sentimos o sopro, a centelha reveladora da divindade".

Anatole France, diabólico e perturbador analista das paixões humanas, e que chegou, pela prática do paradoxo, quase ao nihilismo filosófico, pôs na boca de Jérôme Coignard estas estranhas palavras: "as verdades que a inteligência descobre, permanecem estereis. Só o coração é capaz de fecundar seus sonhos. Somente ele derrama vida em tudo o que ama. E é pelo sen-

timento que as sementes do bem são lançadas ao mundo". João Carvalhal Ribas venceu, também, pelo seu coração. Pela sua bondade inata e grande inteligência, haveria de chegar até onde chegou. Vossos alunos, vossos mestres, amigos e familiares estão todos aqui reunidos, para vos dizer da satisfação imensa em receber-vos na "Casa de Arnaldo".

Ao encerrar esta minha oração, quero dizer-vos, eminente colega e amigo, de minha profunda estima e admiração. Outros poderiam fazê-la, mais breve e mais conceituosa. Ninguém, porém, com maior sinceridade. Hoje, todos os vossos amigos aqui se encontram em estreita solidariedade afetiva, formando uma família, para dizer-vos da ampla significação de nossos colegiado e a intenção espiritual de uma oblata, por vossa glória e por vossa felicidade. V. Exa., Professor João Carvalhal Ribas, ingressa nesta Casa que o viu como aluno, já na maturidade da vida, conhecendo os homens com todas as suas grandezas e também com todas as suas misérias. Com uma concepção mais vasta, estética e humanística da Medicina, sem nunca perder de vista o seu "ethos", isto é, os valores morais que a animam desde os tempos de Hipócrates, vossos pares têm a certeza plena de que continuareis servindo à nossa classe com o brilho da vossa inteligência, de vossa operosidade e de vossa privilegiada cultura".

perspicácia aguçada por séculos de contemplação e meditação, chegue a penetrar até o fundo da intimidade humana, com a suficiente violência... Filosofar, mais do que fazer ciência, encerra muito de mitológico e de lúdico... A Medicina, lidando mais intimamente com o fenômeno humano, com uma voracidade perdoada em nome da ciência, conseguirá revelar melhor o homem a si mesmo, sobretudo quando dispuser de técnicas mais finas de exploração e maior audácia na investida sobre a personalidade... O meu jovem sente-se tentado a enfrentar o mistério humano, Aceite o desafio! Estude Medicina!". Com a aquiescência efusiva da minha família, corri para São Paulo e, depois de assistir as últimas aulas do cursinho do Oswaldo Cruz, ingressei na Faculdade de Medicina de São Paulo. Um curso muito bem feito em Santos deve explicar porque dispensei cursinhos pré-vestibulares.

Encetei o curso médico na ambição de sentir melhor o mistério da vida, de manipular e, se possível, minorar as dores inseparáveis da vida e, se possível, para imprimir mais vida aos personagens dos meus romances futuros... Ainda com o "vício da literatura", mergulhei na noite paulistana e logo fiquei conhecendo talvez a totalidade dos intelectuais da cidade ainda com pouca gente e muita garoa. Mas o curso médico, fazendo-me sentir a impassível carne humana morta na Anatomia de Bovero, na Histologia de Carmo Lordy, na Patológica de Cunha Motta, fazendo compadecer-me da miséria humana ainda viva e sofrida na Santa Casa de Celestino Bourroul, de Montenegro, de Vamprê, desencadeou dentro de mim uma revolução imprevista e irresistível, total e definitiva. Exclamei, no entusiasmo da descoberta: "Lidar com gente ao vivo, entre angústias, dores e esperanças, com desenlaces felizes ou fatais, encerra uma tensão superior, inexcitável, inefável... Supera de longe todas as criações literárias e artísticas que então pareciam esvaziadas de vida, de transcendência, de metafísico... Chego a desconfiar que quem descobriu a aspirina vale mais do que Beethoven com as suas nove sinfonias..." — "Compreendo porque você está abandonando a literatura pela medicina, justificou um amigo, o pintor Flávio de Carvalho. Todo ato médico é uma aventura com todo o suspense da realidade sempre imprevista e perigosa, enquanto qualquer texto literário, mesmo de Baudelaire, de Joyce ou de Dostoiévski, jamais se liberta da inocuidade da fantasia, da realidade arrumada, da pobre letra morta... Certamente a aventura é mais fascinante do que o devaneio. No esplendor da ação, da vida, da realidade, ninguém se lembra sequer de tomar apontamentos, como sucedeu a Cristo, a Sócrates, a tantos outros. Em regra, os que mais escrevem não são os campeões da vida, mas os seus espectadores, co-

mo Maquiavel à sombra pacata de um Mecenas, Dante no exílio, Sade na Bastilha, Proust prostrado pela asma..."

Conforme já recordei em outro momento, ainda segundanista na Faculdade de Medicina, ouvi, por acaso, a conferência de um Professor de Paris, com o olhar cintilante atrás dos óculos, uma barba circunspecta, uma imensa expressão intelectual, que, através do relato de casos clínicos e de um francês deliciosamente inteligível, revelava o que era o mundo dos neuróticos. Para mim, até então enclausurado dentro do círculo de ferro das aulas e tratados de Anatomia, Histologia e outras advertências fanaticamente apegadas à matéria, aquela conferência me deslumbrou como o clarão de um raio: então havia também uma Medicina que cogitava dos dramas humanos certamente com uma vivência ainda mais profunda do que as tragédias de Shakespeare, os romances de Balzac, as rumações torturadas de Kafka, a pintura desesperada de Van Gogh, a música frenética de Wagner, o cinema rissonhamente violento de Chaplin? Cochichou-me um colega; "Quem está falando é o maior psiquiatra vivo da França, o Prof. Pierre Janet". Sentime como o brinquedo de uma conversação mística. Então decidi: — "Serei psiquiatra!" Então a psiquiatria era o filho enfeitado da Medicina. Já corria aquele comentário satírico: "O clínico geral sabe tudo e não faz nada, o cirurgião não sabe nada e faz tudo, o psiquiatra não sabe nada e não faz nada". Somente os meus amigos intelectuais da noite não se scandalizaram com o meu destino. Mário de Andrade comentou: "Você nasceu escritor e, afinal de contas, a Psiquiatria não passa de uma infiltração clandestina da novela na Medicina"... Mas quando eu me declarei decidido a ensinar a especialidade, em carreira universitária, advertiram-me: "Todo Professor não passa de um ator frustrado... Pelo amor de Deus, seja o menos canastrão possível!"

Lancei-me na carreira universitária sob a orientação do Prof. A. C. Pacheco e Silva no espaço de 27 anos e do Prof. Fernando de Oliveira Bastos ao escoar de 10 anos. A estes Professores confesso-me, para sempre, muito grato, gratíssimo, mais do que gratíssimo: iniciaram-me e orientaram-me nas minhas primeiras incursões nos céus da Psiquiatria, quando eu ainda não dispunha de asas bastante vigorosas para voar sózinho até os horizontes mais distantes da especialidade. Lancei-me na carreira universitária ao fogo certamente revigorante de uma paixão superlativa e com absoluto despreendimento, sem perceber o tempo passar, sem jamais sentir o peso de qualquer doença maior, nem da verdadeira fadiga, nem do simples tédio. Devotei-me, com fervor, ao ensino da Clínica Psiquiátrica e áreas correlatas, nesta Faculdade e em outras Escolas,

em cursos e sociedades, em toda parte. Como corolário, escrevi trabalhos com finalidade didática. A assistência ao paciente me pareceu principalmente mais uma forma de lição: cada paciente era mais um livro para ser lido ainda com maior deleite, pois confirmava, em linguagem ainda mais eloquente, o que já estava registrado em outros livros, ou para ser lido com surpresa e mesmo perplexidade, quando anunciava verdades ainda ausentes nas bibliotecas da especialidade. Certos pacientes, porque não se enquadram nos esquemas dos tratados, são os subversivos da Medicina: impõem reformulações de conceitos até então aparentemente inexploráveis.

Dediquei-me também à pesquisa durante o tempo que me sobrou para tanto. Uma investigação científica, como uma aventura de amor, o culto da amizade ou do ódio, exige, acima de tudo, uma disponibilidade de tempo, além de outras competências. Realizei as pesquisas da rotina universitária, algumas transformadas em teses, acerca de temas prudentemente pacíficos e convencionais. Mas depois, com saudade da inovação e da turbulência, parti para uma pesquisa realmente pesquiosa, um estudo mais profundo, original, perigoso, tabu, logo alvo de controvérsias e protestos, contido no livro "As fronteiras da Demonologia e da Psiquiatria" (1964): com doze casos de observação pessoal, fiz entrever o paralelismo existente entre as concepções religiosas e as psiquiátricas. A Psiquiatria se teria originado da Demonologia, como a Química da Alquimia e a Astronomia da Astrologia. O assunto insólito, nem sequer suspeitado entre nós, me seduzia há mais de vinte anos e aprofundei nele ao estímulo do Prof. Jean Lhermitte, quando eu estagiava em Paris. Esse lúcido neurologista, que descreveu a alucinação penducular, morreu em plena Demonologia, quando tentava discernir o toque do sobrenatural na loucura, tão negado e sempre procurado. O meu livro, esgotado rapidamente, alcançou a melhor crítica na Sociedade de Psicologia Religiosa de São Paulo, onde sacerdotes se ofereceram para acrescentar um apêndice teológico na próxima edição da obra. Somente em 1971, Thomas S. Szasz, no livro "The Manufacture of Madness", retomou o mesmo confronto, mas com ênfase bem diversa, a ênfase antipsiquiátrica.

Nas minhas quatro décadas de Faculdade de Medicina, com esforços dispendidos com o melhor ouro da minha juventude e verdadeiras guerras ao preço de "sangue, suor e lágrimas", galguei, sem interrupções nem desfalecimentos, os degraus da escalada universitária até às culminâncias de Professor Titular. O que não conseguiu matar-me, tornou-me mais forte, confirmando o código heróico de Nietzsche. Agora Professor Titular de Psiquiatria Clínica nesta Faculdade, assim havendo alcançado, já em idade propecta, o

A Cátedra de Franco da Rocha e Pacheco e Silva

Prof. João Carvalhal Ribas

"Introduzido neste recinto de Congregação, intimidado por tanto saber médico e tanta magestade acadêmica do ambiente, seria mais estratégico, mais convencional, esconder-me atrás de uma exposição científica, filosófica, erudita, com citações de Claude Bernard, de Ruy Barbosa ou de Miguel Couto, que nos salvam tão bem nas solenidades mais opressivas. Mas, senhoras e senhores do meu melhor apreço, perdoem-me: em face da imensa emoção que ora me assalta, volto a sentir-me pequeno, tendente a regredir até à minha infância, a refugiar-me no passado mais tranqüilo, tal como sucede tantas vezes quando se enfrentam doenças graves e outras situações limites da existência. Então num retorno ao paraíso perdido da minha meninice, surpreendo-me de novo em mundo mais ingênuo e menos sofisticado. Das minhas leituras de adolescente nas praias ainda solitárias de Santos, minha terra natal, ao impacto do mesmo "mar, belo mar selvagem" assim cantado pelo poeta Vicente de Carvalho, também san-tista, acode-me aquela reflexão de Alfred de Vigny": Uma vida realizada é

um ideal concebido na juventude e alcançado na maturidade".

Mas qual seria o ideal da minha mocidade para ser concretizado ao menos no ocaso dos meus dias? Venho de uma família de advogados e políticos. Desde cedo correu o boato de que eu seria também advogado e político. Fizeram-me ler a biografia e a obra de Ruy Barbosa, amigo do meu tio, o senador João Galeão Carvalhal, para aprender como era a trajetória de um advogado e estadista. Mas eu cresci no convívio de artistas e intelectuais. Desde jovem, decidi ser escritor: iniciei a minha atividade literária com fábulas publicadas na revista "O Boletim de Ariel" do Rio de Janeiro, alguns contos no Suplemento de "A Gazeta" de São Paulo, crônicas na "Tribuna" de Santos, cheguei a encetar um romance e uma peça de teatro... Mas as aulas envolventes de filosofia do Prof. Alvaro de Carvalho no ginásio de Santos, denunciando os grandes problemas eternos do universo, me insinuaram que eu poderia acabar na pele de um filósofo... O Prof. Alvaro de Carvalho não era apenas um expositor

de concepções filosóficas: era o próprio filósofo na vida real, com o olhar indagador, a palavra meditada, o riso muito raro, o gesto comedido, a atitude contemplativa, o clima cordial e, ao mesmo tempo, triste dos filósofos autênticos. Encerrava um manancial inesgotável de conhecimentos, o que já chega a ser um vício inerente aos filósofos, mas também era munido de impiedoso senso de realidade, o que é raro mesmo nas cabeças menos perdidas nas nuvens da filosofia. Depois de uma aula, acompanhei o Prof. Alvaro de Carvalho até à sua residência, em trajeto a pé, à maneira peripatética, como era o seu hábito, bombardeando-o de perguntas: "Professor, então o problema fundamental do homem será o conhecimento de si mesmo? A filosofia será o melhor caminho para atacar este problema central do conhecimento do homem pelo próprio homem?". "O problema fundamental do homem há de ser mesmo a descoberta de si próprio, admitiu o Prof. Alvaro de Carvalho, com o tom cauteloso de sempre. Mas duvido que o enfoque filosófico, embora pretenda dispor de

ideal concebido na juventude, confesso-me, de repente, apreensivo pela responsabilidade lançada sobre os meus ombros: presidir em curso iniciado, nesta Casa de Arnaldo, pelo Prof. Francisco Franco da Rocha, depois ministrado pelo Prof. Enjolras Vampyrê, em seguida desenvolvido pelo Prof. A. C. Pacheco e Silva, que consolidou a Psiquiatria como Cátedra independente, com edifício próprio e renome internacional, depois enfim lecionada com pontualidade, diligência e carinho pelo Prof. Fernando Bastos! Ao saber-me vitorioso no Concurso, o Prof. Fernando Bastos, hoje aposentado, fez uma oferta que muito me honra e a que muito agradeço: enviou-me a sua beca. Agora envergando as vestes talares do meu grande Chefe e querido Amigo de mais de quarenta anos, sinto multiplicadas as minhas energias para sucedê-lo nesta colenda Congregação e para levar ao melhor termo as atividades desenvolvidas pelo Prof. Fernando Bastos no Instituto de Psiquiatria.

Na tentativa de aproximar-me das alturas de tão eminentes antecessores, não só me esforcei para continuar desenvolvendo atividade didática, preparação de pessoal técnico e maior pesquisa, mas também terei de completar e consolidar a reforma do Instituto de Psiquiatria, já encetada nos meus tempos de Professor Adjunto, de acordo com programa que já proporcionou resultados bem satisfatórios. Para tanto, eu conto com os mesmos colaboradores capazes, infatigáveis e devotados que comigo encetaram a reforma e melhoria dos padrões do Instituto de Psiquiatria nos últimos anos. Para tanto, espero obter sempre o apoio e a simpatia do Serviço de Neurologia, irmão gêmeo da Psiquiatria no Departamento, sob a direção lúcida, forte e precisa dos Profs. Horácio Martins Canelas e Antonio F. B. Lefèvre. O Instituto de Psiquiatria já deve muito e agradece vivamente ao Prof. Antonio F. B. Lefèvre pelo muito que realizou quando, a título provisório, exerceu a direção do Serviço, com tanta competência, equilíbrio e elegância. Espero estabelecer mais vinculações com outros Serviços do Hospital das Clínicas, notoriamente com o Hospital Universitário, em via de funcionamento. No Hospital Universitário, com poucos leitos destinados à Psiquiatria, seria instalado um posto avançado de atendimento das necessidades comunitárias da região, tendo, como retaguarda, o Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas. Com vinculações mais próximas com os Departamentos de Clínica e Cirurgia, tornar-se-ão mais fáceis o aprimoramento e difusão das técnicas de relação médico-paciente. Haverá situação mais favoráveis para os trabalhos de caráter sociopsicossomático, desenvolvendo-se, assim na sua plenitude, a Medicina Integral.

O Professor da Universidade, além de ministrar aulas e proceder à pesquisa, tem de afirmar-se Chefe de Es-

cola, com o dom geralmente inato de congregar discípulos e organizar serviços, em trabalho só possível em equipe. Para tanto, será indispensável o ambiente tranqüilo, estável, recolhido, o único favorável à rotina e à criação. Essa situação ideal só será possível se o Instituto de Psiquiatria, a exemplo de outros Serviços, conseguir, com energia, decisão e tenacidade, salvaguardar-se contra os descaminhos tão nefastos no atual momento brasileiro, quando tanto se confundem liberdade com indisciplina, criatividade com desajuste, vida laboriosa com vida apenas agitada, colóquios científicos com conversas de café, progresso de agora com mera destruição do passado. Muitos setores de Medicina se beneficiam ao máximo com as experiências e lições do estrangeiro, por exemplo na aquisição de melhores técnicas cirúrgicas. Mas a Instituição Psiquiátrica, apegada aos conceitos de loucura, assistência, terapêutica e prevenção condicionados por padrões culturais variáveis de região para região, resiste mais às influências vindas de longe. Psiquiatras, de volta de estágios no exterior, dificilmente implantam aqui o que existe lá fora, somente à custa de adaptações impostas pelo meio brasileiro. Na área psiquiátrica, Gilberto Freyre parece ter razão: o Brasil tem de desenvolver-se em moldes genuinamente brasileiros. Constituí um dos meus planos a presença de Professores Visitantes que tragam de outros centros os ensinamentos suscetíveis de adaptação ao nosso meio.

Ao assumir os encargos de Professor Titular, encontro a Psiquiatria no auge de crise sem precedentes na sua história, assediada por acusações e insultos lançados por massas visivelmente empenhadas em demolir instituições psiquiátricas, solapada por calúnias, maldições e conspirações forjadas pelo movimento anti-psiquiátrico, na tentativa de reduzi-la a um montão de escombros, em desenlace apocalíptico. O Instituto de Psiquiatria, certamente com a colaboração de outros Serviços, terá de reagir para reafirmar a competência e dignidade da Psiquiatria. Terá de protestar contra a difamação da especialidade à custa da maliciosa generalização de alguns episódios isolados ocorridos, realmente lamentáveis, que merecem o mais vivo repúdio: porque um psiquiatra anuncia teorias esdrúxulas, mirabolantes e disparatadas, todos os psiquiatras viveriam no mundo da lua e a Psiquiatria não passaria de um bestialógico. Porque um psiquiatra é menos feliz na psicoterapia de um paciente, nenhum psiquiatra seria competente e todos seriam vigaristas. Porque um paciente sofreu o efeito colateral inesperado de um psicotrópico, todas as terapêuticas psiquiátricas seriam desastrosas e ainda seriam ministrados tratamentos truculentos há muito tempo já abandonados, como a leucotomia. Porque um hospital psiquiátrico deixa a desejar, todos os hospitais psiquiá-

tricos seriam campos de concentração e mereceriam ser chamados de hospícios, como outrora. Como a própria Psiquiatria, ao impulso de sua evolução histórica, chegou a favorecer uma crise tão autodestrutiva, tão psiquiátrica?

Ao iniciar-me na especialidade, em 1939, defrontei-me com uma Psiquiatria bem enquadrada no *modelo médico*, como ramo incontestado da Medicina. A descoberta do espiroqueta da sífilis no cérebro dos paralíticos gerais, denunciando a etiologia luética da afecção, havia consolidado a convicção de que as desordens da mente sempre decorreriam de causas biológicas. Era uma rotina burocrática e tranqüila: o psiquiatra, como o clínico em face do paciente somático, sem penetrar no mundo subjetivo do doente mental, apenas anotava o que assistia na fachada do caso, estabelecendo o diagnóstico de acordo com a classificação nosográfica vigente. Sucessos terapêuticos obtidos com os métodos de choque, os psicofármacos e a psicocirurgia ainda mais fortaleceram a Psiquiatria Biológica. Kraepelin, com essa atitude superficial e descritiva, só podia concluir que o demente precoce, o esquizofrênico, encerrava um mundo interior diferente do seu, incoerente e incompreensível.

Contribuições importadas das áreas psicológicas, filosóficas e sociológicas concorreram para a Psiquiatria conhecer melhor a mente em profundidade, mas ameaçando deslocá-la do rigoroso *modelo médico*. Então, o psiquiatra, em face do paciente, recorrendo mais à intuição, à empatia, à interpenetração espiritual, enforçou-se para captar tudo quanto ocorria no mundo subjetivo do doente, detectado pela palavra, expressão extraverbal, atividade produtiva, conduta do indivíduo. Com esse maior envolvimento com a mente do paciente, o psiquiatra logrou penetrar melhor no mundo interior do outro, percebeu que, entre o normal e o patológico, existiam traços fundamentais comuns de personalidade, interpretou as condições mórbidas em função de mecanismos psíquicos profundos, os sintomas absurdos se tornaram mais compreensíveis, avultaram de significação os fatores psicossociais no determinismo da loucura, com excessivo menosprezo pelas componentes biológicas, abriram-se novas direções para muitos métodos psicoterápicos, logo considerados às vezes mais eficientes do que as terapêuticas biológicas. Assim a psicanálise, a fenomenologia, o existencialismo, a antropologia cultural e outros setores de estudo, cada um deles contribuiu, com a sua parcela de verdade, para melhor exploração e tratamento da personalidade.

Infelizmente, com a supervalorização desenfreada do fator social, em lamentável detrimento da base biológica, na etiologia dos distúrbios mentais, chegou-se aos excessos do movimento antipsiquiátrico de Cooper, Laing, Szasz e outros, desligado do

modelo médico: ao lado dos transtornos psíquicos em conexão com afecções corporais, em regra assistidos por neurologistas e outros médicos, a histeria, a esquizofrenia e outras doenças mentais não seriam realmente doenças mentais. Seriam casos de indivíduos que, por causa da conduta menos ortodoxa, passariam descabidamente por loucos e, rejeitados pelos circunstâncias, constituiriam mais uma minoria perseguida e oprimida, como tantas vezes sucede aos negros, judeus, homossexuais e outros. Seriam desajustes suscitados tão somente por condições sociais adversas, apenas da alçada dos técnicos em ciências psicológicas e sociais. O psiquiatra, a serviço da família e da sociedade, com suas interações em hospitais psiquiátricos e seus tratamentos nocivos, tornariam esses enfeitados da sorte realmente loucos. Assim o psiquiatra, um carrasco, e o hospital psiquiátrico, uma fábrica de alienação, deveriam deixar de existir.

Como arrancar a Psiquiatria de tal situação que chega às raízes do absurdo? Jacques Lacan, na convicção de que muito disparate havia sido superposto às concepções originais de Freud, anunciou que, para salvar a psicanálise, seria preciso voltar à leitura das obras de Freud e, a partir de tais bases, acrescentar somente as contribuições que, depois de Freud, lhe pareceram válidas. Assim lançou a Escola Freudiana de Paris, na linha estruturalista. Para salvar a Psiquiatria, a meu ver, conviria voltar à leitura da obra de Kraepelin e, com esse alicerce, erguer um novo edifício da Psiquiatria, somente admitindo aquilo que, de Kraepelin para cá, se revelou incontestável através dos crivos inexoráveis da observação e da experiência. Seriam acolhidas todas as contribuições procedentes de fontes extramédicas realmente válidas para o conhecimento do homem como um todo biopsicossocial e, no entanto, sem deixar a Psiquiatria de manter-se encerrada dentro de rigoroso modelo médico, como ramo da Medicina, a exemplo da Medicina Legal que, apesar de servir-se de dados de diversas procedências, não deixa de ser Medicina.

Para também salvar a Psiquiatria, impõe-se, nos cursos da especialidade, em serviços psiquiátricos e outras situações congêneres, selecionar os candidatos, não apenas no tocante à capacidade profissional, mas também acerca das condições de personalidade, através de entrevistas e outros recursos de exploração médico-psicológica. O Aconselhamento Pedagógico, encetado no Instituto de Psiquiatria nos últimos anos, com a colaboração do COSEAS, pretende tratar de imediato os estudantes com problemas de personalidade e, se for indicado, até afastá-los da carreira médica. Para melhoria de nível da especialidade, promovam-se a informação e formação do psiquiatra através de seminários, psicodramas pe-

dagógicos, grupos operativos e outros métodos mais eficientes de ensino, com máxima participação dos alunos, conforme já estamos procedendo no Instituto de Psiquiatria. Desenvolva-se a especialidade em consultórios, ambulatórios e hospitais realmente bem dotados de recursos materiais e humanos, onde psiquiatras, assessorados pelos paramédicos, todos desempenhem as suas atividades dentro das áreas que lhes competem de acordo com a lei, sob o rigoroso controle das autoridades competentes. Assim a Psiquiatria terá consolidada a sua idoneidade como ramo da Medicina e se manterá no pináculo a que sempre fez justo no elenco das disciplinas, visto constituir a Clínica que, ao lado da Neurologia, cogita do cérebro, sobre o qual repousam a conduta, a mente, o destino de toda a humanidade.

O Concurso para Titular de Psiquiatria Clínica não se realizou na data marcada, em março de 1977, impedido por questão judicial. Enquanto o Concurso era aguardado durante quase 4 anos, agrava-se ainda mais a situação no Instituto de Psiquiatria, com o afastamento do Prof. Fernando Bastos por motivo de doença e depois aposentadoria, e com as greves deflagradas no Hospital das Clínicas. Como Professor Adjunto, assumi o leme do Instituto de Psiquiatria, também às voltas com uma reforma imposta pelo novo Regulamento do Hospital das Clínicas. Então conheci os momentos mais críticos da minha vida universitária, já bastante longa. Quando a tempestade se tornava mais violenta, recorria ao Prof. Carlos da Silva Lacaz, então Diretor da nossa Faculdade, que me acolhia como um porto seguro, onde me abastecia de forças, conselhos e esperanças de melhores dias. Conheci o Prof. Carlos da Silva Lacaz desde brilhante estudante desta Casa de Arnaldo, já comunicando trabalhos da sua especialidade em sessões científicas. Admirei a sua trajetória fulgurante até à Cátedra de Microbiologia, consagrando-se pelas suas pesquisas, cursos, congressos, artigos e livros (no seu livro "Doenças Iatrogênicas" tive a honra de participar). Contemplo-o agora na gloriosa maturidade de sua experiência e do seu saber, já exorbitando as fronteiras tornadas estreitas da sua especialidade, já na obrigação de prestar o seu depoimento sobre a medicina, a cultura, a vida, o mundo do seu tempo, compelido a intervir nos rumos do ensino e da universidade, agora patrioticamente empenhado em resguardar para a posteridade, em museus, em textos escritos, em medidas oficiais, os frutos excelentes da nossa Faculdade contra o furor iconoclasta das novas hordas de vândalos. O ingresso do novo Titular de Psiquiatria Clínica neste cenáculo assume as proporções de verdadeira consagração por força da recepção proferida pelo verbo todo-poderoso do Prof. Carlos da Silva Lacaz. Qualquer agradecimento da minha

parte ficaria muito além das minhas palavras. Comoveram-se as boas referências do Prof. Lacaz a meu respeito: eu não sabia que era tão bom! Mas, a bem da verdade, tenho a declarar que evidentemente foram proferidas ao impulso generoso e nobre de uma amizade de mais de quarenta anos! Confesso-me também desvanecido com as expressões com que me acolhe nesta Congregação o Sr. Diretor da Faculdade, o Prof. Mário Ramos de Oliveira. Agradeço também todas as demonstrações de interesse da douta Congregação, reveladas em diversas ocasiões, onde cada Professor, à sua maneira, assumiu uma atitude que muito me tocou e jamais esquecerei. Confesso-me também enternecido porque tantos e tantos comparecem aqui e agora para compartilharem da minha vitória na reta final da minha vida universitária. Também estou reconhecido pelos telefonemas, telegramas e cartões de cumprimentos pelo sucesso no Concurso. A todos, muito obrigado!

Agradeço a todos do Instituto de Psiquiatria que contribuíram para a minha ascensão a Professor Titular. Entre outros, destaco José Roberto de Albuquerque Fortes, Oscar Resende de Lima, Paulo C. Vaz de Arruda, Jorge W. F. Amaro e Zacaria Borge Ali Ramadam. Também destaco Claudia Severo Sampaio Fonseca e Walter Nelson Cardo, na direção e organização do Instituto, e Cailda Cuba dos Santos, na direção do Ambulatório. Mas devo a minha vitória, em grande parte, ao incentivo irresistível da minha família e ao aconchego da minha intimidade doméstica, à cooperação da minha esposa Yone, supermotivada, lúcida, dinâmica, ao meu filho Guilherme, no R-4 de Neurocirurgia, e à minha nora Thereza Christina, pediatra, que atualizaram os meus métodos de estudo e de aula, ao meu filho Flávio que, estudante na Alemanha, me dava telefonemas psicoterápicos. Para eles, o meu reconhecimento eterno. Agradeço aos meus familiares, aos meus sócios e outros do meu hospital de Psiquiatria, o Instituto Eldorado, que se puseram ao meu dispor e torceram pelo meu sucesso. Agradeço às Famílias Schützer e Del Nero que tiveram iniciativas e devotamentos que séculos de existência não conseguiriam apagar da minha memória. Agradeço àqueles que, por telefone ou pessoalmente, ofereceram colaboração no preparo do Concurso e outras providências, alguns já em lugares tão distantes de mim e tão maravilhosamente solícitos em tal emergência, como, por exemplo, o Prof. W. E. Maffei e o escritor Miroel Silveira. Finalmente, agradeço àqueles que me estimularam a enfrentar o Concurso e assim concorreram para a minha ascensão ao ápice da carreira universitária. Espero que, ao partir desta Faculdade dos meus deveres e meus prazeres, eu possa dizer ao menos para mim mesmo: "Missão cumprida!".

Conde do Parnaíba

Antonio de Queirós Telles, Conde do Parnaíba, foi, sem dúvida, uma das mais expressivas personagens paulistas no panorama político-social da segunda metade do século passado. Fidalgo da melhor linhagem, nobilitou seu patriciado. Governante, cujo dinamismo empatava com a prudência, sua passagem pela vida pública ficou assinalada pelos grandes serviços que prestou à coletividade, indicando a São Paulo o rumo a perseguir. Teria, certamente, marcado sua presença no cenário nacional, sob o novo regime, não o tivesse a morte surpreendido em pleno vigor de sua vida, bela e fecunda.

Para promover da expansão da onda verde, era necessário substituir o braço escravo e desenvolver a viação ferroviária. O eminente e saudoso filho desta culta e tradicional *Jundiá* encarou o problema no seu todo, com a visão de verdadeiro estadista.

Inaugurado o ano de 1886, prosseguia, inflamada, a campanha abolicionista. Cada vez mais freqüentes, em toda parte, a fuga de cativos. Já ia tardando a hora de cogitar na proscrição das senzalas. O *Conde do Parnaíba*, valendo-se de sua clara, límpida visão de homem de Estado, meditou nesse assunto palpitante, de interesse vital para a Província. Assumindo o governo, teve ele presciência do que, dentro em pouco, aconteceria. Presentiu que a Abolição viria sem muita demora. Para felicidade nossa, estava ali, no Pátio do Colégio, um gerente da coisa pública atilado, hábil, capaz, que prognosticou as terríveis conseqüências que acarretariam para a economia de São Paulo a libertação dos escravos, sem que os agricultores estivessem preparados para a mudança que ocorreria. As fazendas seriam, de uma hora para outra, esvaziadas, perdendo-se, fatalmente, as colheitas. Abandonadas as lavouras, inevitável o colapso dos negócios do café, a ruína da riqueza paulista.

Considerando o quadro dramático que seria a debandada dos escravos, compreendeu que a solução era importar o braço estrangeiro. E não perdeu um instante. Não desperdiçou um minuto, pondo mãos à obra. O remédio era a imigração subvencionada e a criação de novas estradas de ferro.

O velho e precário Alojamento do Bom Retiro não tinha condições para alojar grandes levas de imigrantes. Era indispensável construir uma Hospedaria à altura do vasto plano que pensava

executar. E executou, como era de seu feito.

O primeiro passo seria a aquisição de um terreno. Para isso nomeou uma comissão, composta de *Rafael Aguiar Paes de Barros* e *Nicolau de Sousa Queirós*. Custou Cr\$ 17:000\$00 o imóvel escolhido, no Braz, junto à linha da Inglesa. E logo foi aprovado o projeto de construção do edifício, de autoria do engenheiro *Mateus Häussler*.

O problema imigratório era a principal, constante preocupação de *Antonio de Queirós Telles*, na presidência da Província.

Em fins de 1886, iam adiantadas as obras da Hospedaria, cuja conclusão ele pedia a maior urgência. "Está o edifício — escreveu o *Conde do Parnaíba*, em seu relatório à Assembléia Provincial, — em ótimas condições para receber maior número de imigrantes do que o Alojamento do Bom Retiro. Mas entendo, apesar disso, que não deve ficar incompleto, prosseguindo-se na inteira execução do plano. É uma obra — acentuou — que interessa a toda Província e que se prende a uma questão momentosa e que maior soma de cuidados merece por parte do legislador provincial". E concluiu: "A Província tem feito e continuará a fazer sacrifícios, que serão, todavia, largamente compensadores".

A construção da Hospedaria exigiu, para a época, a elevada soma de 475:000\$000. E começou a funcionar, oficialmente, a 5-6-1887, 14 meses após sua posse, o que constituiu fato pouco comum na administração pública. Tudo pago pelo Tesouro paulista.

O grande casarão está, até hoje, de pé, servindo aos fins a que se destinava.

Pensou longe o *Conde do Parnaíba*, o maior filho — acreditamos — de que esta progressista e ilustre cidade pode orgulhar-se. Sim, pensou longe, porque o tradicional casarão (até agora, inexplicavelmente, não tombado pelo governo) acolheu, durante meio século, milhares de imigrantes e, de longa data, vem agasalhando um sem número de filhos de outros Estados, que aqui procuram trabalho.

O belo, imponente, amplo edifício sofreu, através dos tempos, várias reformas, mas a sólida estrutura é a mesma, a planta original quase não sofreu modificações, conservando-se o mesmo e sugestivo estilo arquitetônico. Não poucas vezes, porém, serviu a finalidades diferentes da que lhe dera *Parnaíba*,

Acadêmico Honório de Sylos

como quartel, escola da Aeronáutica e até presídio político, quando o Brasil esteve dominado por uma execrável Ditadura.

A Hospedaria é, pode-se dizer, um monumento à memória de *Antonio de Queirós Telles*. É mais significativa do que um busto ou uma estátua de bronze.

O Governo de *Parnaíba* contratou, em 17-5-86, a introdução de "4.000 imigrantes, dos quais — escreveu — 1.000 serão, de preferência, suecos, dinamarqueses e alemães". Observou o Presidente que, "embora os imigrantes italianos tenham provado ser laboriosos, inteligentes e concorrido, assim, em grande escala, para o engrandecimento da Província, não devemos ir buscar em uma fonte só os braços de que precisamos".

Sob sua gestão, foi criada a Associação Promotora de Imigração, com a qual firmou um convênio para a chamada de 6.000 imigrantes. É de se admitir tenha sido sob a inspiração do *Conde do Parnaíba* a fundação dessa entidade, composta — escreveu *Queirós Telles* — "de cidadãos que se dedicam ao futuro e à prosperidade de nossa Província, sem o mínimo interesse pessoal". É para lembrar que o primeiro presidente dessa entidade era um fervoroso republicano, *Martinho Prado Júnior*, o que demonstra a imparcialidade do Presidente.

Os serviços de imigração foram custeados pelo Tesouro paulista, quer no antigo como no atual regime (até 1928, quando *Júlio Prestes* suspendeu a passagem paga ao trabalhador alienígena. Não era mais necessário, porquanto, então, predominava a imigração espontânea).

São Paulo custeou a imigração, desde o governo do *Conde do Parnaíba*, ao contrário do que, repetidas vezes, tem afirmado o sr. *Gilberto Freyre*.

O ilustre autor de "Ordem e Progresso" comete o equívoco de supor que a imigração em São Paulo foi conduzida sob o estímulo e cuidados oficiais, com prejuízo para o desenvolvimento de outras regiões brasileiras. E debita o Sr. de Apípicos esses "cuidados oficiais" a *Antonio Prado*, que foi, em 1885, ministro da Agricultura, no Gabinete *Cotegipe*, durante alguns meses e, em 1888, de novo ocupou a mesma pasta, no Gabinete *João Alfredo*, também por pouco tempo, porquanto, em 89, subia o P.L. com *Ouro Preto*. Em tão curtas gestões, pouco

tinha feito *Prado* por sua Província. Acresce, ainda, que, tanto *Cotegipe*, como *João Alfredo*, eram do Norte, o primeiro da Bahia, o segundo de Pernambuco, terra do sr. Freyre. Ambos, é evidente, não concordariam com qualquer nepotismo do ministro paulista em detrimento do Norte e Nordeste.

Nasceu *Antonio de Queirós Telles* a 16-8-1831, na fazenda "Sítio Grande", no Município de *Jundiá*, oitavo filho do coronel *Antonio de Queirós Telles*, barão de *Jundiá*, e de d. *Ana Leduína de Moraes Telles*.

O barão de *Jundiá*, além de grande fazendeiro, ocupou, por várias vezes, uma cadeira de vereador à Câmara de seu município e, em diversas legislaturas, tomou assento como deputado à Assembléia Provincial. Respeitável era sua autoridade. Entre os projetos que apresentou, destacam-se o que elevava *Jundiá* de vila a cidade e o que mandava construir uma rodovia de *Jundiá* a *Santos*.

Descendia o *Conde do Parnaíba* de gente de alta estirpe. Pelo pai, era neto do guarda-mór *Antonio de Queirós Telles* e de d. *Ana Joaquina da Silva Prado* e, pela mãe, neto do sargento-mór *Joaquim José de Moraes* e de d. *Escolástica Jacinta Rodrigues Jordão*.

Bacharelou-se *Antonio de Queirós Telles* no largo de São Francisco, em 1854. Entre seus colegas de turma, estavam, entre outros, *José Maria Corrêa de Sá* e *Benevides*, depois lente da Academia; *Sebastião Pereira*, chefe de Polícia e, como ele, Presidente da Província; *Tomás Alves*, notável advogado na Corte, presidente de Sergipe.

Mal concluiu o curso de direito, abriu banca de advogado em *Itu*, onde viveu durante trinta anos. Casou-se ali, a 3-6-1854, com d. *Rita M' Boy Tibiriçá Piratininga*, filha de *José Tibiriçá Piratininga* e irmã de *João Tibiriçá Piratininga*, que presidiria, mais tarde, a Convenção de *Itu*, marco do movimento republicano em São Paulo, a que o cunhado, no entanto, não aderiu. Era monarquista e monarquista morreu.

Queirós Telles, vereador à Câmara de *Itú* durante quatro quadriênios, presidiu a Edilidade, por mais de uma vez, e prestou a esse Município valiosos serviços, em relação, principalmente, à Santa Casa, Lazareto, igreja matriz, cemitério, canalização de água potável.

A população dessa imperial cidade, sem distinção de credo político, tributava-lhe verdadeira veneração, grata ao seu espírito empreendedor. Presidente da Província, visitou a cidade, em agosto de 1877, recebendo, por essa ocasião, homenagens consagradoras. Aclamado como benemérito homem público — lembrou um orador que o saudou — "estava ele rasgando à Província de São Paulo os horizontes de um futuro próspero e risonho".

Como advogado de valor, grangeou geral admiração pelo seu caráter, competência e dignidade com que sabia honrar a profissão. Notou *José Felizardo Júnior* que, considerando *Queirós Telles* a missão de advogado um apostolado do direito, não havia interesse de qualquer ordem que fosse capaz de o arrastar até o deplorável extremo de por a justiça a soldo de quem, não a tendo, pensava poder comprá-la.

Deputado provincial aos 25 anos, fez boa figura nas legislaturas 1856-57, 1858 e 1860 ao lado de destacados vultos da política. Além de seu Pai, devem ser citados o con.º *João da Silva Carrão*, seu professor no largo de São Francisco; barão de *Tietê*, *Gabriel José Rodrigues dos Santos*, *Martim Francisco*, *Silveira da Mota*, *Pedro Taques*, conego *Gonçalves de Andrade*, con.º *Carneiro de Campos*, *Antonio Joaquim Ribas*. Destacado para a Comissão de Constituição e Justiça, levou a sério, como de seu costume, os pareceres que lhe eram solicitados. Em determinada sessão, seu Pai falava sobre a necessidade de melhorar a estrada de *Campinas* a *Mogi Mirim*, quando, em apoio à sua idéia, foi apartado pelo jovem filho...

Pronunciou *Antonio de Queirós Telles*, em 10-3-1857, logo e excelente discurso, analisando o pleito eleitoral, há pouco, ferido e, corajosamente, batendo-se pela verdade eleitoral e condenando a interferência do Presidente da Província em favor de determinados candidatos. Apartado pelo seu mestre, con.º *Carrão*, afirma respeitá-lo, mas dele discordava. Ao apelo de um colega no sentido de ser mais moderado, respondeu: "Não sacrifico a consciência, não sacrifico a verdade; hei de dizer o que entendo e acredito". Reclusaria, mais tarde, *Antonio de Queirós Telles* um lugar na bancada do Partido Conservador na Câmara dos Deputados, não obstante seu largo prestígio político. Em 1885, não aceitou, também, a senatória por São Paulo. Preferia, segundo sua maneira, a atividade política na Província, — atividade que somava à de advogado militante, agricultor e, durante longos anos, de presidente de uma grande ferrovia. Aceitou a vice e a Presidência da Província para, como disse, cumprir um dever cívico.

Como notou um seu contemporâneo, salientou-se, sempre, por sua aplicação nos estudos, desde a juventude; por seu espírito investigador e por uma rara compreensão dos homens e das coisas. Um dos principais traços de sua personalidade foi a moderação, que sempre fez companhia à justiça.

O *Conde do Parnaíba* era fazendeiro em *Mogi Mirim*, distrito de *Ressaca*. Gostava de passar agradáveis temporadas na sua fazenda "Jequitibá", cuja organização perfeita se deve ao seu tino de administrador.

A Estrada de Ferro *Mogiana*, de que foi idealizador e um dos principais acionistas (5-5-1873), era, pode-se di-

zer, a menina de seus olhos. Realizava seu ideal — o de que o silvo das locomotivas chegasse até as barrancas do Rio Grande e que, depois, atravessando o Triângulo Mineiro, fosse, a seguir, repercutir nas terras de Goiás, que um bandeirante desbravou. Acompanhava, de perto, os trabalhos da ferrovia, participando, ativamente, da discussão dos planos da nova Estrada. Em longa viagem à Europa, percorreu diversos países, estudando a organização das ferrovias, principalmente na Inglaterra, França e Alemanha.

D. Pedro II inaugurou, a 27-8-1875, o primeiro trecho, de *Campinas* a *Mogi Mirim*. Veio, depois, o prolongamento de *Mogi Mirim* a *Casa Branca*, entregue ao tráfego em 14-1-1878 e também inaugurado pelo Imperador (*); de *Casa Branca* a *Ribeirão Preto*, em 23-11-1883. E os trilhos seguiram em direção a *Franca*. Foram inaugurados, também, os ramais de *Amparo* e *Poços de Caldas*. Eram seus companheiros de Diretoria homens de boa cepa, como *José Egidio de Sousa Aranha*, *Antonio Pinheiro de Ulhôa Cintra* (mais tarde, barão de *Jaguara*), *Joaquim Quirino dos Santos* e *Antonio Manoel Proença*. Como administrador modelar, notável o desenvolvimento alcançado pela *Mogiana* no primeiro decênio de sua fundação, tendo nesse período entregue ao tráfego 368 quilômetros.

Reconhecendo-lhe os méritos, os inestimáveis serviços prestados a São Paulo, Pedro II, por quatro vezes, o distinguiu com laureas: em 1875, é agraciado com a comenda da Ordem de Cristo; em 31-12-1880, recebe o título de barão; a 7-5-1887, o de Visconde com grandeza e, a 31-12-87, o de Conde.

Na sua presidência na *Mogiana*, o Imperador veio a São Paulo três vezes, para presidir a inaugurações de trechos da ferrovia, o que lhe proporcionou conhecer, de perto, o valor de *Queirós Telles*, sua dedicação à empresa, suas idéias modernas em relação aos problemas não só de São Paulo como nacionais.

Os presidentes *João Teodoro* e *Sebastião Pereira* elogiaram *Antonio de Queirós Telles* pelo seu desempenho na Presidência da *Mogiana*, que exerceu de 1873 a 1886, quando a deixou para ocupar o governo de São Paulo.

Não apenas de Imigração cuidou o *Conde do Parnaíba*: voltou suas vistas para o da Colonização, criando os Núcleos de *Jundiá* e *Porto Feliz*, em terras doadas por seu pai e, também, os núcleos de *Rio Claro* e *Lorena*.

Que belo, magnífico exemplo o do Barão de *Jundiá*, cedendo bens ao governo, tão diferente do que hoje acontece. A regra geral é o político ser-

(*) Nessa cidade, foi hóspede de meu bisavô, *Vicente Ferreira de Sylos*, a quem, mais tarde, agraciou com o título de Barão da *Casa Branca*.

vir-se do governo, não abrindo mão de vantagens e mordomias...

A propósito, afirmou a grande figura humana que, neste momento, tenho a honra de evocar: não há ramo da administração provincial que maior atenção, estudo e cuidado deva merecer da Assembléa e do governo do que estes, — colonização e imigração — sobre os quais repousa o futuro da Província.

Em seu excelente Relatório de 1886 à casa legislativa, mencionou o fato de termos um só gênero de cultura, o café, o que não o preocupava, mas aconselhava aos paulistas ensaiar outra fonte de riqueza — a videira. Vivo fosse, veria Parnaíba como acertara na sua previsão.

Além da meta principal de seu governo — imigração — colonização — outros problemas foram por ele atendidos com interesse não menor. Demonstrando seu descortino, promoveu a realização do recenseamento da Província. Para isso, nomeou uma comissão composta de ilustres homens da terra, como *Elias Chaves*, presidente; *Nogueira Jaguaribe*, *Joaquim José Vieira de Carvalho*, *Abílio Aurélio da Silva Marques* e *Adolfo Augusto Pinto*. Além disso, recomendou a criação de um serviço de Estatística, providência que — afirmou — não poderia faltar às diretrizes de todo "administrador zeloso do bom nome paulista e do progresso da nossa terra".

Outra idéia sua, feliz: a realização de *Monografias* dos Municípios, o que, lembrava, deveria ser adotada, também, para as famílias, norma tão preconizada por *Le Play* e por destacados economistas, concorrendo para escrever uma verdadeira história da Província, estudada sob todos os ângulos.

E não ficou aí sua ação administrativa.

Providenciou a construção da sede do Tesouro, na rua Quinze, na atual travessa do Tesouro, onde se encontra

hoje a Caixa Econômica Estadual. Esse edifício, mais tarde, com a construção da Secretaria da Fazenda, no Pátio do Colégio, acomodou, por muitos anos, o Fórum da Capital, até a mudança para o atual Palácio da Justiça. Outras iniciativas: a Escola Normal, a reforma da Várzea do Campo, a retificação do Anhangabaú, a construção do Viaduto do Chá, Hospício dos Alienados, serviço de catequese e civilização dos índios dos Vales do Tietê e Paranapanema.

O *Conde do Parnaíba* assumiu o governo em 26-4-1886, sucedendo ao Conselheiro *João Alfredo Corrêa de Oliveira*. Deixou a Presidência a 19-11-1877 tendo governado, portanto, apenas vinte meses, o que foi pena. Solicitou exoneração em virtude de doença na pessoa de sua esposa. E teve que insistir porque o governo imperial relutava em concedê-la. Foi substituído por outro eminente paulista — *Rodrigues Alves*.

A receita da Província alcançou, em 1886, 4.022.000\$. Quanto ao movimento imigratório, devemos registrar, em 1886, o desembarque, em Santos, de 10.000 trabalhadores, para alcançar, no ano seguinte, 30.000. De 1886 a 1888, desceram em Santos, 101.398 imigrantes. Outros dados interessantes demonstram que foi boa a sementeira. De 1890-94, recebemos 319.720 imigrantes, dos quais 210.910 italianos.

Com o incremento da Imigração, o Treze de Maio não causou nenhum abalo à economia paulista, o que não se verificou na terra fluminense e em Minas Gerais; os escravos abandonaram as fazendas de café e se atropelaram, sem rumo, nas cidades. Sem profissão qualificada, ficaram, na zona urbana, desorientados. Muitos, é verdade, mais tarde procuraram trabalho, como assalariados, na zona rural. A maioria, no entanto, perdeu-se na orgia dos botequins. Em São Paulo, após 1888, diferente foi a situação. Os imi-

grantes já estavam se instalando na zona rural e continuavam chegando, como demonstramos. Nas vésperas da Abolição, São Paulo produzia, anualmente, cerca de 1.200.000 sacas de café. A produção de Minas-Rio de Janeiro orçava, nessa época, por 4.200.000 sacas. Em 1895, a situação estava invertida, chegando o total da sacas do território paulista a 4.360.000, ao passo que a de Minas-Rio caía para 2.760.000 sacas.

Antonio de Queirós Telles faleceu, em Campinas, pouco antes da Abolição, vítima de insidiosa moléstia, que tanto mal causou ao Brasil. Tanto na terra de Campos Salles, como na sua terra natal recebeu comoventes homenagens. Foram a consagração a que só os grandes homens têm direito.

Deve o *Conde do Parnaíba* ser lembrado, principalmente, nas escolas e consagrado nas páginas da História de São Paulo, não apenas em compêndios clássicos, talvez monótonos, mas, de preferência, de textos resumidos, didáticos, para fácil compreensão dos jovens.

A política do *Conde do Parnaíba* — como pensamos ter mostrado — salvou São Paulo de grave e tormentosa crise. Com seu espírito pragmático, fixou o plano a realizar: a imigração subvencionada, a Hospedaria para acolher grandes levas de trabalhadores, a expansão ferroviária.

É simples traçar o perfil desse homem eminente: cidadão de admirável espírito público, modelo do paulista austero, corajoso; estadista do melhor jaêz.

Antonio de Queirós Telles ocupou a presidência de São Paulo no momento exato em que era preciso alguém capaz de apontar com lucidez o alto destino reservado a Piratininga. Ele foi esse homem predestinado.

À gloriosa memória de *Antonio de Queirós Telles*, tem São Paulo a obrigação de render, sempre, as homenagens de sua admiração, do seu respeito de sua gratidão.

Médicos e Heróis de Riachuelo

Prof. José Washington Barbosa de Oliveira

José Antonio de Oliveira Botelho

Governava a Província da Bahia José Egidio Gorrilho Barbuda, militar português nascido no Arcebispado do Porto e mais tarde Visconde de Camamu, quando, em 1827, nasceu na cidade do Salvador, na Freguesia da Penha, *Joaquim Antonio de Oliveira Botelho* — uma das figuras mais fascinantes de sua época.

Dotado de talento privilegiado, foi um dos mestres mais eminentes de sua escola fazendo uma carreira brilhante no magistério superior. Destacou-se não somente pelo seu alto valor profissional, mas por ter enriquecido a medicina de guerra com inovações co-

rajosas. Se tivéssemos aqui em nossa terra um Panteão, e um David d'Angers para esculpir o frontão, entre os grandes homens que a pátria é eternamente agradecida, estaria o Prof. Joaquim Botelho.

Fez o jovem Joaquim Antonio o curso das humanidades em sua cidade natal, e concluído, registra-se em fevereiro de 1844 no primeiro ano do curso médico, na Faculdade de Medicina da Bahia, onde veio a colar grau no ano de 1850.

Encontrando-se aberto, o concurso para Opositor na Faculdade, concorreu com outros colegas médicos a esse lugar, e sendo aprovado e o escolhido,

foi nomeado por Carta Imperial de 1857 Opositor da Secção Médica. "Climas" foi a tese que apresentou e defendeu perante o Juri. Lente Substituto da Cadeira de Matéria Médica e Terapêutica em 1859, após concurso, versando sua tese sobre "Toda albuminuria será sintomática de uma afecção dos rins?"; ascendeu à cátedra dessa disciplina em 1862, tendo sido precedido pelos Drs. José Alvares do Amaral (nomeado por Carta Régia de 29 de dezembro de 1815). Manoel Joaquim Henriques de Paiva (nomeado em maio de 1824). Fortunato Costa Dornmund (regeu a cadeira de 1829 a 1845), e Joaquim de Souza Velho (de 1845 a

1861). Permaneceu nesse lugar até o ano de 1869, quando deixou de existir.

A terapêutica do período romântico termina com dois sucessos muito significativos: por uma parte o nihilismo terapêutico de Skoda; por outra parte, a recente iniciação de empenhos científicos, que muito prometedora faziam esperar uma terapêutica verdadeiramente calcada sobre a ciência e não sobre o empirismo. A medicina da época do Prof. Botelho, início do positivismo, confirmou amplamente tais esperanças, aparecendo sínteses químicas de novos medicamentos, e a experimentação terapêutica.

Em virtude do aparecimento do cólera morbus na Bahia, em 1855, emigrou ele para a Vila da Cachoeira, logo que soube da instalação do terrível flagelo entre os habitantes daquela vila. Pelos extraordinários serviços prestados, a população o presenteou com uma medalha de ouro.

Foi médico da Armada na Guerra do Paraguai, e nos primeiros dias como médico naval, compreendeu a necessidade de organizar melhor e o mais rápido possível, os primeiros socorros aos feridos nas batalhas — problemas que resolveu com a criação dos *hospitais flutuantes*. "De talento engenhoso, de originais iniciativas, foi quem concebeu a idéia e promoveu a criação dos hospitais flutuantes na campanha do Paraguai". (Caio Moura, *Memória Histórica*, 1914). Larrey, nas campanhas napoleônicas, inventara as ambulâncias volantes; Botelho, nos trópicos, criara os hospitais sobre as águas.

Achou o Imperador D. Pedro II por bem agraciá-lo, por Decreto de 1868, com o Oficialato da Imperial Ordem da Rosa.

Diretor do Colégio Dois de Julho, pertenceu também, como Professor Catedrático, ao Liceu Provincial da Bahia, criado em 9 de março de 1836, para substituir "o ensino sem unidades das Escolas Régias".

Manoel Joaquim Saraiva

Ao concluir os estudos preparatórios, ingressa na Faculdade de Medicina, concluindo o curso no ano de 1864, apresentando à Congregaçã o Tese "Como obra o sulfato de quinino nas febres intermitentes", e obtendo assim o grau de doutor.

Patriota exaltado, segue para o Paraguai como primeiro cirurgião da Armada, imitando o gesto de muitos colegas, fazendo heroicamente toda a campanha. No seu regresso à pátria, o governo do Império o condecora com a Medalha da Campanha do Paraguai, da passagem de Humaitá, do combate naval de Riachuelo, e com a dos vencedores de Corrientes. O Imperador do Brasil, S. M. D. Pedro II, houve por bem, ainda, agraciar esse herói baiano, fazendo-o Cavaleiro da Ordem da Rosa, da Ordem de Cristo, e da Ordem do Cruzeiro.

Descobre o magistério, e em 1871

submete-se a concurso público para um lugar de Opositor de Ciências Médicas, e embora aprovado, não conseguiu ser o escolhido. No ano seguinte, realiza novo concurso, e desta vez, assume o lugar de Opositor de Ciências Médicas.

Em 1871, concorre à cadeira de Patologia Geral, que alcançava nesta época notável desenvolvimento. Abandonando por completo os sistemas especulativos anteriores, e a postura antiteórica dos anatomoclinicos, que a tinham reduzido a uma mera elaboração de observações clínicas, a Patologia dessa época recorre de modo sistemático aos novos conhecimentos químicos e biológicos, passando a investigação laboratorial a ser a fonte principal dos conhecimentos médicos. Apesar de aprovado, não foi escolhido para a regência da pretendida cadeira.

Volta-se para a Higiene, e em 1883 é o Lente dessa cadeira. Apesar de ser um homem de laboratório, atuando agora como sanitarista, não perdeu de vista a importância dos fatores coletivos, e, preocupado com as verbas públicas, um adiantado no estudo econômico da enfermidade escreve "Projeto de regulamento dos serviços de Higiene Pública" onde o indivíduo é colocado com direito a exigir do Estado a assistência de que necessita, mas reconhece neste a tutoria do bem coletivo.

É o tempo da conversão da higiene pública em uma disciplina experimental. Ele segue atento a evolução, e escreve "Esgotos na capital da Bahia". Instala um Gabinete de Higiene na Faculdade.

Sobre temas médicos, deixou trabalhos em periódicos especializados:

Algumas formas das moléstias palustres, *Gazeta Médica da Bahia*, 1868. Breves considerações sobre a disenteria, *Gazeta Médica da Bahia*, 1869. Quais os melhoes meios terapêuticos para combater o beribéri?, Tese de concurso, 1871, impressa na Tipografia do Diário da Bahia. Pirexias, Tese de concurso para Lente de Patologia Geral, 1874.

Escreve a Memória Histórica da Faculdade de Medicina, em 1885, aprovada pela Congregaçã, e mandada publicar pelos estudantes da 6.^a série médica, na Tipografia Popular em 1886. Nela escreve: "Na fase atual por que atravessa o ensino médico nesta Faculdade, que a nona reforma nela ainda não entrou em plena execução a par de suas vantagens, não permite o dever que o relator de uma Memória Histórica subtraia-se de declarar se o ensino novamente instituído revela achar-se ali em situação de prestar algum serviço; se a tentativa parece ter bons lados, e se corresponde entre nós a idéia que o futuro ao menos se encarregara de frutificar".

Faleceu em 1899, aos cinquenta e nove anos de idade, como herói de sua terra, e mestre dos mais variados conhecimentos.

Rodrigo Antonio B. de Oliveira

Consoiciando-se Antonio Américo Barbosa de Oliveira com D. Ursulina

da Costa Borges e Oliveira, nasceu no ano de 1845, na cidade do Salvador, na Freguesia da Sé, *Rodrigo Antonio Barbosa de Oliveira*, um dos heróis da batalha naval de Riachuelo.

Era seu bisavô paterno o português Antonio Barbosa de Oliveira, natural da cidade do Porto, e fundador na Bahia da família Barbosa de Oliveira. "Sendo de descendência ilustre — descendia de boa estirpe e trouxera o seu brasão". (Luis Viana Filho).

Matriculou-se o jovem Rodrigo no curso médico da Faculdade de Medicina da Bahia, doutorando-se no final do ano de 1871, defendendo a tese *Tuberculose Pulmonar impressa na Tipografia do Diário*.

Por entre as soberbas ruínas amontoadas no imenso campo das lutas científicas do século — que passou, — cintilam, muitas vezes, amortecidas chispas, que, acendidas pelo calor da discussão, inflamam-se, crescem, avultam, e parecem refletir luminosos clarões para o século, que há de vir; e assim como a história bélica das gerações presentes respeita as suas colunas cimentadas pelo sangue das gerações passadas, assim também a história científica dos tempos de hoje não deve esquecer a homenagem devida às primeiras idéias de onde emanaram os novos progressos da ciência hodierna.

Não se olvida a glória que sucede as grandes idéias, que não morrem com o cranco, que as engendrou, porque elas aí vão esculpidas nas páginas imorríveis da história, sustentando seu vôo por toda a eternidade. Do continuado embate delas resulta a marcha progressiva, que tende ao aperfeiçoamento real da ciência; é a pedra do toque, de cuja superfície ressaltam brilhantes centelhas, que, transformando-se em focos de imensa luz, expandem seus raios através do espesso manto da obscuridade, e descortinam o quadro fulgurante da verdade.

Progredir — é o apanágio da ciência, que caminha a passos agigantados para tocar a meta do engrandecimento; é o seu movimento contínuo e renovador, que não se extinguirá, sem que as nuvens tenebrosas de um novo caos, eclipsando a carreira luminosa do Sol, faça desaparecer da superfície da terra as últimas pegadas do homem que estuda.

E esse progredir nasce das lutas da inteligência, porque delas se destacam fases brilhantes para a história científica, marcadas pelo aparecimento rápido desses gênios — meteoros — que, despejando raios de um fogo divino, apontam os viajeros da ciência o caminho a novas fontes e a novas pesquisas, que levam à conquista da verdade.

Impendi-lo, — é matar o pensamento asfixiando a idéia no crâneo que a germinou; asfixiar a idéia, — é cortar o vôo d'água que removia ao espaço em busca da liberdade com que lhe dotou o criador. Mas as idéias, como a água, não se deixam adormecer sob o jugo da prepotência, — livres por essência divina aí vão pelo mundo além

deixando após sua carreira os vestígios da sua grandeza, que mais avultará à medida que as luzes do progresso aclararam a extensão do horizonte abraçado pelo seu voo.

De posse do pergaminho, instalou-se na cidade em que nasceu, exercendo a clínica particular durante muitos anos.

Contemplou-o o Imperador do Brasil D. Pedro II, pela sua atuação heróica como Cirurgião d' Armada na Batalha de Riachuelo, com a Comenda de Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa, e, posteriormente, agraciou-o com a Medalha da Campanha do Paraguai. (Atuou também nesta guerra como 1.º Cirurgião do Exército Brasileiro).

Pertenceu ao período positivista da cirurgia, assistindo ao rápido desenvolvimento do necessário arsenal de instrumentos cirúrgicos, que permitia ao cirurgião aplicar vitoriosamente sua técnica, continuamente renovada. Falteceu, depois da laboriosa existência, em 1900.

Flamínio Fávero

Prof. Armando C. Rodrigues

Esta noite, promovida carinhosamente pelo Departamento cultural da Associação Paulista de Medicina e pelo Departamento de Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, deverá ficar, indelevelmente gravada na memória de todos nós. A bondade dos vossos corações os encaminhou a esta sessão solene para recordarmos um pouco as figuras dos grandes brasileiros que introduziram e engrandeceram a medicina legal no nosso país.

FLAMÍNIO FÁVERO foi um deles.

O seu recente desaparecimento aos 87 anos de idade, representou para a ciência nacional e sobretudo para a Medicina Legal, uma perda irreparável. Dele recebi, desde os tempos de estudante, estímulos e ensinamentos que despertaram em mim a vocação e o irresistível desejo de pautar minha conduta no exemplo de sua imaculada e fecunda vida.

XVI

Cumpri compungido o dever, que nos impôs também a Congregação da Faculdade de Medicina, de dele despedir-me, em seu nome, pela derradeira vez, no "Instituto Oscar Freire" onde ensinou várias gerações de alunos, por mais de vinte cinco anos.

O nome de FAMÍNIO FÁVERO é conhecido, respeitado e admirado nos meios médicos e jurídicos. Sua vida foi ensinar. Desde cedo dedicou-se a tão nobre atividade. Nascido na Capital de São Paulo, freqüentou o curso secundário no Colégio São Luiz de Itú, formando-se na primeira turma da Faculdade de Medicina de São Paulo em 1919, casando-se, em seguida, com sua colega, Dra. Délia Ferraz Fávero. Após disputar concurso, foi investido na cátedra de Medicina Legal, em substituição ao professor baiano OSCAR FREIRE DE CARVALHO, aposentando-se como professor emérito.

Foi o consolidador do Instituto Oscar Freire, tendo sabido, como ninguém, manter as suas tradições, entusiasmando os seus discípulos no ensino médico, nos caminhos da perícia e sobretudo ao auxílio à Justiça.

Desenvolveu com esmero os cursos de graduação e de extensão universitária, abrangendo todos os ângulos teóricos e práticos, da Medicina Legal, abrindo as portas dessa ciência quer aos alunos da nossa faculdade, quer a todos os estudiosos que o procuravam.

FLAMÍNIO FÁVERO, enriqueceu as

letras médicas com magníficas obras, e, dentre elas, o "Tratado de Medicina Legal" adotado até hoje. Sua projeção no campo científico e cultural foi imensa. Entre os inúmeros cargos que ocupou nas instituições do país, destacam-se as de Professor Catedrático de Medicina Legal, Presidente do Conselho Penitenciário do Estado, Sócio fundador e Presidente da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo, primeiro Presidente eleito por aclamação do Conselho Regional de Medicina de São Paulo, Presidente do Sindicato dos Médicos de São Paulo, Diretor Geral do Departamento de Presídios do Estado, Sócio Honorário e Presidente do Conselho Consultivo do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, Presidente do 1.º Congresso Brasileiro de Medicina Legal e Criminologia, Presidente da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Sócio Emérito da Academia de Medicina de São Paulo, Presidente Emérito da Sociedade Paulista da História da Medicina, Reitor da Universidade Mackenzie, Membro fundador e Presidente da Ordem dos Peritos Médicos do Brasil, Sócio Honorário da Associação dos Médicos Legistas do Estado de São Paulo e Membro do Conselho Estadual de Educação.

Foi, também, sócio honorário e correspondente de Sociedades de Medicina Legal em diversos países.

Atraía, pelo saber, principalmente jovens. Lecionou e desenvolveu pesquisas científicas em uma época florescente da Medicina Legal, tornando-a, com isso, ainda mais próspera.

Impressionante era a sua capacidade de reunir estudiosos envolvendo-os nos difíceis meandros da Medicina Legal e despertando vocações para essa ciência. Os discípulos por ele moldados em rígidos princípios, avolumaram-se e com ele propagaram a Escola de Nina Rodrigues e Oscar Freire, com características próprias.

Homem de ciência com o espírito voltado para as verdades divinas. Enérgico e bom ao mesmo tempo. Cordato, cordial, caridoso, compreensivo, leal, e, muitas vezes, com bom senso invejável, tornava-se até tolerante.

Suas feições, seu sorriso largo de homem possuidor de um espírito profundamente religioso, irradiavam paz e tranquilidade. Seus conselhos caracteriza-

vem-se por serem inspirados pela mais reta das concepções morais.

Os ensinamentos da sua palavra, e do seu impoluto exemplo, eram contínuos e eficazes: "Manejai a alavanca da simplicidade, consequência, através, da própria verdade". "A humildade, é como o imã para o ferro: atraí. É como o perfume para a flor: deleita. É como a beleza natural: encanta".

Sua autoridade impunha-se só pela sua presença, pelo seu olhar sereno, pelo seu saber e principalmente pelo exemplo de vida, praticamente em retiro espiritual. Comunicava-se com o mundo mais através da escrita, não descurando jamais de entremear em quaisquer assuntos, mensagens de humanismo e de apostolado cristão. Nas aulas discorria sobre os temas com a cadência e o ritmo de quem lê.

Foi homem de quem nunca se ouviram queixas ou lamúrias, e nem se quer comentários sobre a sua pessoa. A simplicidade lhe era um traço característico, manifestava-se em sua maneira de vestir-se em sua despreziosidade, em seus gestos. Um homem de trato fácil.

Assim conviveu com todos nós, os seus discípulos, muitos anos no "Instituto Oscar Freire" que tanto amou, e ao qual tanto se dedicou.

Foi no anfiteatro do mesmo Instituto que, em 76, com os seus cabelos já esbranquiçados, pronunciou a sua última lição. De lá para cá, a inexorável ação do tempo encarregou-se, mansa e cruelmente da tarefa de levá-lo, roubando-o do nosso meio.

Assistimos com profundo pesar a este penoso e irreversível processo que vinha pesada e vagarosamente se arrastando, mês após mês, ano após ano.

A Medicina Legal perdia um dos seus valores mais representativos.

O homem cuja sabedoria, serenidade, foi o motivo de inspiração e aprendizado para aqueles que, como quem aqui agora o evoca, se sentem felizes após aqueles inigualáveis anos de convivência, mas certos que ele permanecerá para sempre na galeria dos grandes mestres, FLAMÍNIO FÁVERO.

Departamento Cultural:

Presidente: Duílio Crispim Farina

Comissão Executiva:

Guido Arturo Palomba

João Carvalho Ribas

Maria do Carmo Dias dos Santos Batista

Oswaldo Galotti

Silvio Marone

Walter Belda